

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LETRAS

Lairson Barbosa da Costa

VARIAÇÃO DOS PRONOMES “TU”/“VOCÊ” NAS CAPITALS DO NORTE

Belém

2013

Lairson Barbosa da Costa

VARIAÇÃO DOS PRONOMES “TU”/“VOCÊ” NAS CAPITAIS DO NORTE

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Dra. Marilucia Oliveira

Belém

2013

VARIAÇÃO DOS PRONOMES “TU”/“VOCÊ” NAS CAPITAIS DO NORTE

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Data da defesa: 26/5/2013

Banca Examinadora

Presidente: Profa. Dra. Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)

Membro externo: Prof. Dr. Clezio Roberto Gonçalves (UFOP)

Membro interno: Prof. Dr. Alcides Fernandes de Lima (UFPA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

Costa, Lairson Barbosa da

Variação dos pronome “tu”/“você” nas capitais do Norte / Lairson Barbosa da Costa. Belém, 2013.

94 fl. il.

Orientadora: Marilucia Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará. Instituto de Letras e Comunicação.

1. Língua Portuguesa – Linguística – Norte – Dissertação 2. Sociolinguística – Pronome 3. Variação I. Universidade Federal do Pará II. Instituto de Letras e Comunicação III. Título

CDU: 806.90-24

A meus pais, esposa, filhos,
netas e irmãs: meu maior patrimônio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que nos permitiu concluir mais esta etapa;

À Universidade Federal do Pará, por nos oferecer o Programa de Apoio à Qualificação de Servidores Docentes e Técnico-Administrativos – PADT;

À professora doutora Marilucia Oliveira, pela competente e precisa orientação durante a construção deste trabalho;

Aos professores do curso de Mestrado em Linguística, pelos conhecimentos proporcionados, em especial ao professor doutor Abdelhak Razky, por nos autorizar o uso dos dados do projeto ALIB – Pará;

Aos professores doutores Carmen Reis e Alcides de Lima, pelas sugestões dadas durante a Qualificação;

À pesquisadora Marta Scherre, pelas orientações sobre o uso do pacote GoldVarb 2001, que foram muito úteis durante as rodadas desta pesquisa.

Aos professores Lucelene Franceschi, da Universidade Federal do Paraná, e Clezio Roberto Gonçalves, da Universidade Federal de Ouro Preto, por nos enviar seus trabalhos de pesquisa, que nos serviram de base para construirmos esta dissertação;

Aos informantes do Amapá, Belém, Boa Vista, Manaus, Porto Velho e Rio Branco, que possibilitaram a coleta do material linguístico utilizado nesta pesquisa;

Aos colegas do curso, em especial a José dos Anjos Oliveira e a Leila Sodré, pelo constante companheirismo;

Aos alunos do Instituto Federal do Pará, uma das razões de eu fazer o mestrado.

... Prinzivalli me enviou um cartão dizendo que havia passado 15 meses na prisão esperando que alguém separasse fato de ficção. Já obtive muitos resultados científicos em que a reunião das evidências era tão forte que eu acreditei que havia enterrado minhas mãos na realidade embaixo da superfície, mas nada poderia ser mais satisfatório em qualquer carreira científica do que separar fato de ficção, nesse caso. Por meio da evidência linguística, um homem pôde se libertar dos inimigos empresariais que o haviam atacado moralmente, e outro pôde dormir tendo a profunda convicção de que tomou a decisão justa.

William Labov, 1987

RESUMO

Este trabalho investiga a variação dos pronomes “tu” e “você” no português falado em seis capitais da Região Norte do Brasil: Belém (PA), Boa Vista (RR), Macapá (AP), Manaus (AM), Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC). Baseado nos estudos de Labov (2008), analisa fatores linguísticos e extralinguísticos que influem a escolha de um ou outro pronome e a relação destes com as formas verbais de segunda e terceira pessoas. Foram utilizados como *corpus* dados produzidos por 8 moradores de Belém; 8 de Boa Vista; 8 de Manaus; 8 de Macapá; 8 de Porto Velho; e 8 de Rio Branco, sendo 4 homens e 4 mulheres de cada capital, por meio de entrevistas de fala espontânea, com base nos Questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). Os resultados apontam o favorecimento do pronome “tu” em Belém, Manaus e Rio Branco. Boa Vista, Macapá e Porto Velho desfavorecem o pronome “tu”.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação. Pronomes de Segunda Pessoa.

ABSTRACT

This paper investigates the variation of the pronoun "you" in Portuguese spoken in the six capitals of Northern Brazil: Belém (PA), Boa Vista (RR), Macapá (AP), Manaus (AM), Porto Velho (RO) and Rio Branco (AC), northern Brazil. Based on the theory Labov (2008), extralinguistic and linguistic analyzes factors that influence the choice of either pronoun and their relationship with the verb forms of the second and third persons. Were used as corpus data produced by 8 residents of Belém; 8 Boa Vista; 8 Manaus; 8 Macapá; 8 Porto Velho and 8 Rio Branco, 4 men and 4 women of each capital through interviews of spontaneous speech, based on questionnaires Linguistic Atlas Project in Brazil (ALIB). The results show the favoring of the pronoun "you" in Belém, Manaus and Rio Branco. Boa Vista, Macapá and Porto Velho disfavor the pronoun "you".

Keywords: Sociolinguistics. Variation. Second person pronouns.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	PÁG.
Figuras	
Figura 1 – Mapa do Estado do Pará com destaque para a cidade de Belém.	54
Figura 2 – Mapa do Estado de Roraima com destaque para a cidade de Boa Vista.	56
Figura 3 – Mapa do Estado do Amapá com destaque para a cidade de Macapá.	58
Figura 4 – Mapa do Estado do Amazonas com destaque para a cidade de Manaus.	60
Figura 5 – Mapa do Estado de Rondônia com destaque para a cidade de Porto Velho.	62
Figura 6 – Mapa do Estado do Acre com destaque para a cidade de Rio Branco.	63
 Gráficos	
Gráfico 1 – Forma de tratamento de filho para pai.	29
Gráfico 2 – Forma de tratamento de pai para filho.	30
Gráfico 3 – Probabilidade de aplicação da regra nas cidades pesquisadas na mesma rodada.	31
Gráfico 4 – Pesos relativos de “tu”/ “você” de todas as localidades.	33
Gráfico 5 – Ocorrência dos pronomes “tu”/“você” em Imperatriz, MA, e Uberlândia, MG.	34
 Quadros	
Quadro 1 – Pronomes pessoais sujeito nas GTs.	24
Quadro 2 – Resumo de estudos dos autores estudados.	39
Quadro 3 – Código utilizado para as variáveis dependentes e independentes.	50
Quadro 4 – Dados socioeconômicos de Belém.	55

	11
Quadro 5 – Dados socioeconômicos de Boa Vista.	57
Quadro 6 – Dados socioeconômicos de Macapá.	59
Quadro 7 – Dados socioeconômicos de Manaus.	61
Quadro 8 – Dados socioeconômicos de Porto Velho.	63
Quadro 9 – Dados socioeconômicos de Rio Branco.	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Atuação da faixa etária sobre a variante “tu”	35
Tabela 2 – Atuação da escolaridade sobre o uso de “tu”	36
Tabela 3 – Uso das formas “tu”, “vmce”/ “você”	37
Tabela 4 – Alternância “tu”/“você” com todas as localidades	68
Tabela 5 – Atuação da variável explicitação do pronome sobre o uso de “tu”/“você”	70
Tabela 6 – Atuação da variável escolaridade sobre o uso de “tu”/“você”	72
Tabela 7 – Atuação da variável tempo verbal sobre o uso de “tu”/“você”	74
Tabela 8 – Atuação da variável gênero sobre o uso de “tu”/“você”	75
Tabela 9 – Atuação da variável modo verbal sobre o uso de “tu”/“você”	76
Tabela 10 – Atuação da variável faixa etária sobre o uso de “tu”/“você”	77
Tabela 11 – Localidade x Concordância verbal	80
Tabela 12 – Tempo x Concordância verbal	81
Tabela 13 – Gênero x Concordância verbal	82
Tabela 14 – Escolaridade x Concordância verbal	83
Tabela 15 – Explicitação do pronome x Concordância verbal	85
Tabela 16 – Modo x Concordância verbal	86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISÃO DA LITERATURA	20
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	20
2.2 APRESENTANDO O “TU” E O “VOCÊ”	23
2.3 “TU”/“VOCÊ” NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS	28
3 METODOLOGIA	40
3.1 SOBRE O PROJETO ALIB	40
3.2 <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	42
3.3 COLETA DE DADOS	42
3.4 VARIÁVEIS ESTUDADAS	43
3.5 HIPÓTESES	47
3.6 O PROGRAMA VARBRUL	48
3.7 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS	49
3.8 CAPITAIS DO NORTE	51
3.8.1 Projeto ALIB na Região Norte	51
3.8.2 Belém	53
3.8.3 Boa Vista	55
3.8.4 Macapá	57
3.8.5 Manaus	59
3.8.6 Porto Velho	61
3.8.7 Rio Branco	63
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	65
4.1 RODADAS ESTATÍSTICAS COM OS PRONOMES “TU”/“VOCÊ”	65

	14
4.2 RODADAS ESTATÍSTICAS SOMENTE COM O PRONOME “TU”	62
4.3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA RODADA COM “TU”/“VOCÊ”	67
4.3.1 Grupos de fatores selecionados	68
4.3.1.1 Localidade	68
4.3.1.2 Explicitação do pronome	70
4.3.1.3 Escolaridade	72
4.3.1.4 Tempo verbal	73
4.3.2 Grupos de fatores não selecionados	74
4.3.2.1 Gênero	74
4.3.2.2 Modo verbal	75
4.3.2.3 Faixa etária	77
4.4 CONCORDÂNCIA COM O PRONOME “TU”	79
4.4.1 Grupos de fatores selecionados	79
4.4.1.1 Localidade	79
4.4.1.2 Tempo e Concordância verbal	81
4.4.1.3 Gênero	82
4.4.1.4 Escolaridade	83
4.5.2 Grupo de fatores não selecionados	84
4.5.2.1 Explicitação do pronome	84
4.5.2.2 Modo verbal	86
5 CONCLUSÕES	87
REFERÊNCIAS	90

1 INTRODUÇÃO

Nosso interesse pelo estudo da variação dos pronomes “tu” e “você” na Região Norte surgiu da observação assistemática de como se dá a utilização destes no cotidiano do falante paraense: sua maneira de falar nas ruas, nas feiras, nos salões e na academia, por exemplo. Em todos esses ambientes, percebemos que os pronomes em questão estão presentes no trato entre as pessoas, que podem ser da mesma idade, gênero, estratificação social e escolaridade ou não.

O fato de, nessas relações, o falante utilizar predominantemente o pronome “tu” ou o “você” e de haver em algumas situações o uso indistinto desses pronomes pelo mesmo falante sempre se constituíram alvo de nossa curiosidade, pelo que quando surgiu a oportunidade de estudar este tema, de imediato o aceitamos.

Com relação ao uso do pronome “tu” pelo falante paraense, citamos aqui a observação do professor Pasquale de Cipro Neto, quando de sua visita a Belém em 2008, que afirma ter achado interessante o fato de o paraense, em especial o belenense, usar o pronome “tu” com o verbo na segunda pessoa do singular, conforme prescreve a gramática normativa. Escreve ele:

O que me fascina é descobrir as particularidades da linguagem de cada comunidade... E a linguagem dos paraenses – mas especificamente a dos belenenses – é particularmente interessante. “Queres água?”, perguntava educadamente uma das pessoas que participaram da equipe de apoio. O pronome “tu”, da segunda pessoa do singular é comum na fala dos habitantes de Belém [...]. Em Lisboa e em Belém é muito comum ouvir “Foste lá?”, “Fizeste o que pedi?”, “Trouxeste o livro?”, “Queres água?”, “Sabes onde fica a rua?” [...] O que se ouve em Belém não é comum em qualquer região do país. Em boa parte do Brasil, é frequente o emprego do pronome “tu” com o verbo conjugado na terceira pessoa: “Tu fez?”, “Tu sempre faz isso?”, “Por

que tu não estuda?”, “Tu comprou o remédio?” [...] (CIPRO NETO, 2009)

Em 2012, a Rede Globo de Televisão transmitiu a novela *Amor, eterno amor*, no horário das 18h, cujo personagem principal – Rodrigo, vivido pelo ator Gabriel Braga Nunes – passa parte de sua vida na Ilha do Marajó, Estado do Pará. A história teve algumas cenas de personagens paraenses gravadas em Belém e no Marajó e nelas essas personagens faziam uso constante do pronome “tu”¹ com a flexão canônica de segunda pessoa.

Ao final deste trabalho, poderemos constatar se as observações acima com relação à utilização do “tu” com o verbo na segunda pessoa correspondem à realidade do falar belenense e dos falantes das demais capitais estudadas.

A relevância desta pesquisa está no fato de que, embora o estudo da variação desses pronomes já venha sendo feito com certa frequência nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, a Região Norte ainda apresenta carência de bibliografia sobre o assunto. Segundo Loregian-Penkal (2004, p. 46),

há falta de análises descritivas de fala coloquial envolvendo pronomes de segunda pessoa do singular nas regiões Norte e Nordeste do país. Prova disso é que se verificam constantemente referências ao uso do pronome *tu* na região Sul e em áreas do Norte e Nordeste ainda não bem delimitadas.

Uma das empreitadas, nesse sentido, foi o artigo *Do Senhor ao Tu: uma conjugação em mudança*, de Soares e Leal (1993), cujo objetivo era mostrar que “uma mudança parece estar ocorrendo no emprego das formas de tratamento, principalmente

¹ Reproduzimos aqui a fala da personagem Jacira, interpretada pela atriz Carol Castro, em que se pode perceber o uso do pronome “tu” concordando com o verbo na segunda pessoa: “– Quando tu voltaste do Marajó?; – Tu vais ficar aqui mesmo no Rio?; – Eu vou te ajudar a ficares de bem com o Barão; – Tu podes contar comigo como tua família também.; – Tu disseste tanto que queres conhecer, né? – Tu já ouviste falar nisso?” (JHIN, 2012)

de filhos para pais, na família belenense.” (p. 20). Martins (2010) desenvolveu sua dissertação de mestrado sobre “A alternância Tu/Você/Senhor no Município de Tefé – Estado do Amazonas”. O macroprojeto *Estudos da Variedade Urbana Oral Culta de Manaus*, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas de Linguística Aplicada à Educação – NEPLAE, EP/ESA-UEA, e os trabalhos de campo de linguistas da Universidade Federal do Pará, ligados ao ALIB – Pará, são exemplos do interesse de alguns pesquisadores em contribuir para o preenchimento dessa lacuna bibliográfica.

A constatação dessa realidade nos levou a ampliar a presente pesquisa para as demais capitais da Região Norte: Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Rio Branco².

Esta pesquisa tem como objetivos descrever o contexto de fala em que aparecem os pronomes “tu”/“você” nas seis capitais da Região Norte e a relação do pronome “tu” com as formas verbais de segunda e terceira pessoas. Como objetivos específicos, verificamos a percentagem de ocorrência e o peso relativo (P.R.) dos fatores que favorecem ou não esses pronomes. Para tanto, levamos em consideração fatores estruturais e sociais que estão explicitados na Metodologia.

Nossa hipótese inicial sobre a utilização dos pronomes “tu”/“você” nas cidades por nós analisadas era de que em todas elas prevalece o primeiro pronome, alternando com o segundo. Quanto à concordância verbal, a hipótese inicial era de que “tu” ocorre nessas capitais concordando preferencialmente com verbo na flexão canônica de segunda pessoa.

Este trabalho tem como base os estudos da variação linguística de William Labov ou Sociolinguística Variacionista, que analisa a fala em contextos sociais

² A cidade de Palmas, capital do Tocantins, não foi incluída neste estudo devido a ter sido criada recentemente (1989) e, conseqüentemente, não apresentar informantes nativos.

diferenciados e estuda as características da sociedade que passam a interferir nessa fala. Dentre outros, esse autor publicou trabalhos sobre frequência e distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/ na fala dos habitantes da ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts, e sobre a estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova Iorque. Alguns autores, a exemplo de Gonçalves (2008, p. 36), consideram Labov “o primeiro linguista que reúne evidências da variação linguística e que demonstra ser ela ordenada, padronizada e sistemática”.

Seguindo a orientação da Sociolinguística Quantitativa de Labov (2008), pretendemos verificar os efeitos dos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou inibem o uso dos pronomes “tu”/“você” nas capitais nortistas. Para tanto, estruturamos este trabalho da seguinte forma:

Na **Revisão da Literatura**, fazemos uma breve apresentação da Sociolinguística Variacionista, dando ênfase a William Labov; dos pronomes “tu”/“você” e dos autores que nos deram embasamento para a construção desta pesquisa, bem como destacamos os principais resultados apontados por eles nessas pesquisas.

Na seção **Metodologia**, expomos os procedimentos metodológicos que norteiam este trabalho. Apresentamos, de forma breve, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) e sua atuação na Região Norte; o *corpus* utilizado para a análise dos pronomes em questão e o pacote GoldVarb 2001, usado para o tratamento estatístico dos dados, bem como as cidades escolhidas para o nosso estudo: Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Rio Branco.

Com base nos dados fornecidos pelo programa GoldVarb 2001 – frequência, peso relativo etc. –, fazemos, na seção **Análise e Discussão dos Resultados**, a análise dos dados estatísticos das variáveis e os comparamos com os dados apresentados pelos

autores abordados na Revisão da Literatura. Aqui são retomadas também as hipóteses iniciais sobre o uso do “tu”/“você”.

Na última parte do trabalho, apresentamos nossas principais **Conclusões** sobre a variação dos pronomes tu”/“você” nas capitais do Norte, fazendo alusão aos resultados obtidos nesta pesquisa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Apresentaremos aqui os fundamentos teóricos da Sociolinguística Variacionista, com ênfase para os estudos realizados por William Labov; além disso, focalizaremos as mudanças por que passou o pronome “Vossa Mercê” até chegar ao atual “você”. Mostramos como esse pronome e o “tu” são apresentados pelas Gramáticas Normativas e pela visão de vários autores. Mencionamos também trabalhos de cunho variacionista de pesquisadores brasileiros que trataram da variação dos pronomes “tu”/“você”, com o objetivo de compararmos nossos resultados com os obtidos por esses autores, mesmo tendo consciência de que os autores desses trabalhos não seguiram rigorosamente a mesma metodologia adotada nesta pesquisa.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Como esta pesquisa apresenta o estudo da variação dos pronomes “tu”/“você” na fala de habitantes das capitais do Norte, nosso referencial teórico base são os estudos sobre variação sociolinguística. Por isso, faremos uma exposição sucinta da Sociolinguística Variacionista, do pensamento de William Labov e de alguns outros autores que entendemos serem relevantes para a construção desta dissertação.

Para os estudos da Sociolinguística Variacionista, interessam os dados de fala que se realizam em circunstâncias reais e que apresentam possibilidade de variação. Tais variações sofrem influências das comunidades em que os falantes estão inseridos e, diferentemente do que se pensava antes dos estudos labovianos, estas variações ocorrem de forma regular e podem ser descritas e explicadas.

Os estudos anteriores aos de Labov (1963) consideravam as unidades linguísticas, tais como fones, fonemas, morfemas e todas as demais, “invariantes, discretas e qualitativas” (LABOV, 1966). A partir dos estudos variacionistas, essa visão passa a mudar e essas unidades linguísticas passam a ser vistas como: 1) **estruturas variantes**, pois se realizam de maneira diferente em situações diversas; 2) **contínuas**, uma vez que o valor social de determinadas variantes está ligado à diferenciação em relação à variante padrão; 3) **quantitativa**, visto que a significação da variável é determinada não só pela presença ou ausência de suas variantes, mas por suas frequências relativas, motivo pelo qual essa teoria passou a chamar-se Sociolinguística Quantitativa.

Antes de fazermos comentários sobre Labov, apresentaremos dois autores que influenciaram decisivamente as ideias desse autor: Uriel Weinreich e Marvin Herzog. O primeiro foi seu professor na Columbia University e o orientou na dissertação de mestrado sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha’s Vineyard e depois na tese de doutorado sobre a estratificação do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova Iorque. O segundo foi seu colega na mesma universidade. Labov e Herzog receberam de Weinreich, em 1966, a tarefa de escreverem o ensaio “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”, que deveriam apresentá-lo numa conferência na Universidade do Texas. Nesse ensaio, foram incorporados resultados das pesquisas em Martha’s Vineyard e em Nova Iorque, de Labov; dialetologia do iídiche no norte da Polônia, de Herzog; aliado à visão global de Weinreich, que foi o criador do Atlas linguístico e cultural dos judeus asquenazes (LABOV, 2008).

O próprio Labov (2008, p. 15) declara, com relação a Weinreich, que este tinha “extraordinário senso de direção em linguística” e que tirou proveito de suas intuições. A seguir, apresentamos parte da introdução do citado ensaio que Labov

utilizou para demonstrar a visão que Weinreich possuía com relação à natureza da linguagem e da linguagem com a sociedade.

Os fatos da heterogeneidade, até agora, não se harmonizaram bem com a abordagem estrutural da língua. [...] Pois quanto mais os linguistas têm ficado impressionados com a existência da estrutura da língua, e quanto mais eles têm apoiado essa observação com argumentos dedutivos sobre as vantagens funcionais da estrutura, mais misteriosa tem se tornado a transição de uma língua de um estado para outro. [...] A solução, argumentaremos, se encontra no rompimento da identificação de estruturalidade com homogeneidade. A chave para uma concepção racional da mudança linguística [...] é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. [...] um dos colorários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa, a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968 (2006): 100-1001).

Segundo Monteiro (2008, p. 16), embora linguistas como Bright e Fishman tenham sido pioneiros em incorporar aspectos sociais no estudo da descrição das línguas – antes antropólogos e sociólogos haviam destacado esses aspectos –, somente a partir dos trabalhos de Labov “os propósitos de descrever a heterogeneidade linguística e de encontrar um modelo capaz de dar conta da influência dos fatores sociais que atuam na língua” tiveram êxito.

Labov (2008, p. 13) afirma ter, durante vários anos, evitado usar o termo sociolinguística, por entender conter este a possibilidade da existência “de uma teoria ou uma prática linguística que não é social” e por considerar este termo redundante. Para ele, não há separação entre linguagem e interação social. Podem-se estabelecer significados sociais aos dados linguísticos, possibilitando uma melhor compreensão do mecanismo de mudança.

A fala, segundo Labov (2008), é caracterizada pela heterogeneidade, pela variação, e é isso que faz com que os membros de uma comunidade satisfaçam as suas necessidades cotidianas de interação linguística. É essa diversificação que interessa ser analisada pela sociolinguística.

Conforme esse autor,

existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos (LABOV, 2008, p. 13).

Segundo Tarallo (1985, p. 5), a Sociolinguística Quantitativa procura sistematizar essa variação por meio do tratamento estatístico dos dados coletados, com a finalidade de organizar as várias “maneiras de se dizer a mesma coisa”.

2.2 APRESENTANDO O “TU” E O “VOCÊ”

O pronome “você” teve origem na expressão de tratamento “Vossa Mercê”, surgida no século XIV e usada para referir-se ao rei. Após ser substituída por outras expressões para o trato com o rei, essa foi se vulgarizando e, depois de passar por várias reduções fonéticas, deu origem a “você” (PERES, 2006).

Ainda segundo Peres (2006), as classes mais baixas de Portugal já estavam deixando de usar os pronomes “Vossa Mercê” e “vós” desde a época da colonização, mais precisamente a partir do século XVI, enquanto a simplificação fonética do primeiro pronome se mostrava adiantada. Já nessa época, variantes desse pronome alternavam-se com “tu”.

Essa simplificação fonética de “Vossa Mercê” também é registrada por Nascentes (1956), que enumera algumas variantes originadas dessa forma nominal: você, cê, mecê, mincê, ocê, oncê, sucê, suncê, vacê, vainicê, vancê, vansmincê, vassuncê, voncê, vosmecê, vossemecê, vosmincê, vossuncê, ucê. A primeira forma, porém, foi a que se estabeleceu na língua portuguesa e, segundo Ramos e Oliveira (2002), sua primeira aparição se deu no texto do padre Francisco Manoel de Melo, de 1644.

Almeida (*apud* HERÊNIO, 2006) afirma que o pronome “tu” é apresentado pela Gramática Normativa como o modelo tradicional para a segunda pessoa do singular, com verbo também na segunda pessoa. Essa autora concorda com Modesto (2005, p. 2) quando diz que “a forma ‘você’ vem adquirindo estatuto pronominal, alterando a concordância e acarretando muitas mudanças a partir de meados do século XIX”.

Almeida (1985 *apud* LOREGIAN-PENKAL, 2004) reproduz o quadro dos pronomes de segunda pessoa apresentado pelas Gramáticas Tradicionais (GTs):

PRONOMES PESSOAIS SUJEITO			
Pessoa gramatical	Retos		
Singular	1. ^a pessoa 2.^a pessoa 3. ^a pessoa	eu tu ele, ela	
	Plural	1. ^a pessoa 2.^a pessoa 3. ^a pessoa	nós vós eles, elas

Quadro 1 – Pronomes pessoais sujeito nas GTs.

Fonte: Almeida, 1985 *apud* Loregian-Penkal, 2004.

O fato de nessas gramáticas normativas não ser incluído o “você” na classe dos pronomes de segunda pessoa, segundo Martins (2010), tem sido contestado por vários linguistas. Ainda segundo esse autor, a forma “você” faz com que a concordância verbal fique na terceira pessoa, com o que Menon (1993) não concorda, uma vez que, segundo ela, “você”, que se originou de uma forma nominal – “Vossa Mercê” –, ao passar por um “processo de modificação fonética e de valor social” mudou da categoria de nome para o de pronome de segunda pessoa, razão pela qual, ainda segundo a autora, a forma verbal que deve acompanhar esse novo pronome também deve ser de segunda pessoa, não fazendo sentido, portanto, dizer que o verbo concorda na terceira pessoa com um pronome de segunda.

Cunha e Cintra (2001), ao apresentarem as formas de tratamento de segunda pessoa, fazem referência aos pronomes “tu”, “você”, “senhor/senhora”. Os primeiros, afirmam esses autores, são utilizados no Sul do Brasil e em alguns pontos da Região Norte. As demais regiões do Brasil preferem o pronome “você” quando no trato mais íntimo, mas é também usado no tratamento entre iguais e de superior para inferior. Já os pronomes “senhor/senhora”, que se opõem a você no português brasileiro, expressam respeito ou cortesia.

Brown e Gilman (1960 *apud* OROZCO, 2006) afirmam que o português – como as demais línguas românicas – apresenta duas formas para a segunda pessoa do singular, diferindo, por exemplo, do inglês – que tem apenas a forma “you”.

Amaral (1982 *apud* MENON, 2000) concorda com Brown e Gilman (2003) quando afirma que no Brasil há duas formas de se fazer referência à segunda pessoa do singular: “tu” e “você”. A autora diz também que, a partir de um contexto histórico, Faraco (1996) apresenta os fatores internos e externos que influenciaram a evolução do sistema pronominal do português. Para Faraco, “atualmente no português do Brasil

‘você’ é o pronome de uso comum para tratamento íntimo, estando o pronome ‘tu’ restrito a algumas variedades regionais” (FARACO, 1996, p. 64).

Menon (*apud* HERÊNIO, 2006) afirma que na maior parte do Brasil o uso do “você” é uma realidade que se apresenta como tendência do português brasileiro a simplificar, mas o “tu” ainda resiste em áreas mais ou menos definidas, sendo, portanto, um traço regional.

Cuesta e Luz (1971), ao se referirem à utilização dos pronomes de segunda pessoa em Portugal, afirmam que o pronome “tu” era utilizado no trato entre pessoas íntimas de mesma classe social, tendo pouco uso fora do âmbito familiar; também era usado por pessoas da mesma idade ou por mais velhos que se dirigiam a mais novos, por exemplo: pais para filhos, avós para netos, tios para sobrinhos etc.

Bechara (2009) afirma que se emprega “vocês” como plural de “tu” por ter caído o pronome vós em desuso. Cunha (*apud* ILARI *et al.*, 2004) observou que “tu” foi substituído por “você” em quase todo o território nacional.

Para Perini (2004, p. 181 *apud* OLIVEIRA, 2007), “os itens lexicais de segunda pessoa (‘tu’ e ‘vós’) raramente se usam no português padrão brasileiro de hoje”. Oliveira (2009) diz ser esta afirmação verdadeira em parte, “pois a forma singular (‘tu’) é bastante recorrente em determinadas regiões do Brasil, ao contrário do que afirma o autor”.

Menon (1995, p. 96) explica que, no sistema pronominal, as segundas pessoas passaram a ter uma nova forma e com isso o

paradigma verbal também sofreu modificações. Isto é resultado da contínua (im)perfeição do sistema linguístico: uma modificação em alguma parte do sistema sempre acarreta modificações em outra(s) parte(s).

A autora mostra também que a seleção de qual variante de segunda pessoa será utilizada depende, em muitos casos, do dialeto do falante. Segundo ela,

os falantes interiorizam a forma verbal com morfema Ø como marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome. Assim, no paradigma verbal já teria havido a mudança de forma e a variação continua a existir em nível de escolha – determinada pelo dialeto que o falante utiliza – entre os pronomes possíveis “tu” e “você” (MENON, 1995, p. 97).

Menon (1995) apresenta o “tu” como traço regional, mas também como uma tendência do português brasileiro (PB) em marcar o sujeito em função da perda dos traços de segunda pessoa do verbo. Dessa maneira, o PB se caracteriza pelas variações regionais e pela modificação no sistema pronominal, ou seja, a língua brasileira passou a simplificar as flexões, por isso o emprego da terceira pessoa.

Outro fator que faz o pronome “tu” ser utilizado juntamente com um verbo em terceira pessoa é mostrado por Amaral (1982) e citado por Menon (2000, p. 132). Para Amaral, o “tu” tem valor puramente enfático, ligando-se a formas verbais de terceira pessoa: “tu bem sabia”, “tu vai”, “tu disse”.

Estudo realizado por Ilari *et al.* (2004) em cidades como Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, com base em dados do Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro – NURC³, registrou que “o pronome ‘você’ é mais frequente que ‘tu’ no total geral, no total de todos os tipos de inquérito e no total por cidade”.

³A escolha dessas cidades se deu pelo fato de elas contarem na época com mais de um milhão de habitantes. Por meio de gravador portátil, foram feitas cerca de 1.570 horas de entrevista somente com universitários. Seu resultado confirmou a desconfiança dos linguistas de que, ao falar, ninguém segue a recomendação dos gramáticos.

2.3 “TU”/“VOCÊ” NOS ESTUDOS VARIACIONISTAS

Expomos aqui resultados de trabalhos sobre os pronomes “tu”/“você” de oito autores que pesquisaram a variação desses pronomes em localidades distintas e que, à exceção de Soares e Leal (1993), seguem a metodologia da Sociolinguística Variacionista. Embora façamos apenas um recorte dos principais resultados, estes serão importantes para a discussão que faremos adiante. A ordem para a apresentação dos trabalhos segue a data de publicação destes. O critério para a seleção dessas pesquisas foi o fato de os pesquisadores estudarem a variação “tu”/“você” .

Soares e Leal (1993) estudaram o uso dos pronomes “tu”, “você” e “o senhor” pelas famílias de Belém do Pará. A pesquisa se deu no âmbito do então Núcleo Integrado Pedagógico – NPI, escola de aplicação da Universidade Federal do Pará. As pesquisadoras escolheram como entrevistados dois grupos de servidores: professores e funcionários – com seus respectivos filhos, divididos em duas faixas etárias: 8 a 10 anos e 12 a 14 anos. Para levar a efeito o trabalho, as autoras solicitaram aos pais participantes da pesquisa que gravassem as falas deles com seus filhos – sem que estes tivessem conhecimento de que suas conversas estavam sendo gravadas – e usaram questionários, com o que pretendiam “mostrar a relação entre os papéis familiares – pais e filhos – e estes dois fatores – classe socioeconômica e faixa etária”. Os grupos analisados receberam a seguinte codificação: professores (A), funcionários (B), pais (P), filhos (F), crianças de 8 a 10 anos (x) e adolescentes de 12 a 14 anos (y).

Abaixo, elencamos alguns dos resultados obtidos pelas pesquisadoras:

- “Tu” predomina nos informantes da faixa etária de 8 a 10 anos (61,66%);
- Os filhos de professores, na faixa etária acima, utilizam mais o pronome “tu” (90,91%) do que os filhos de funcionários (37,50%);

- O grupo AF utiliza mais o “tu” (67,70%) do que o grupo BF (37,73%);
- Somente 38,59% do total de filhos de professores e funcionários usam o pronome “o senhor”.
- No trato de filhos para pais, o pronome “tu” (49,13%) é mais utilizado do que “o senhor” (38,59%) e “você” (12,28%). O “tu” (76,84%) também é mais utilizado do que “você” (23,16%) no trato de pais para filhos.

A seguir, expomos dois gráficos adaptados do quadro de Soares e Leal (1993).

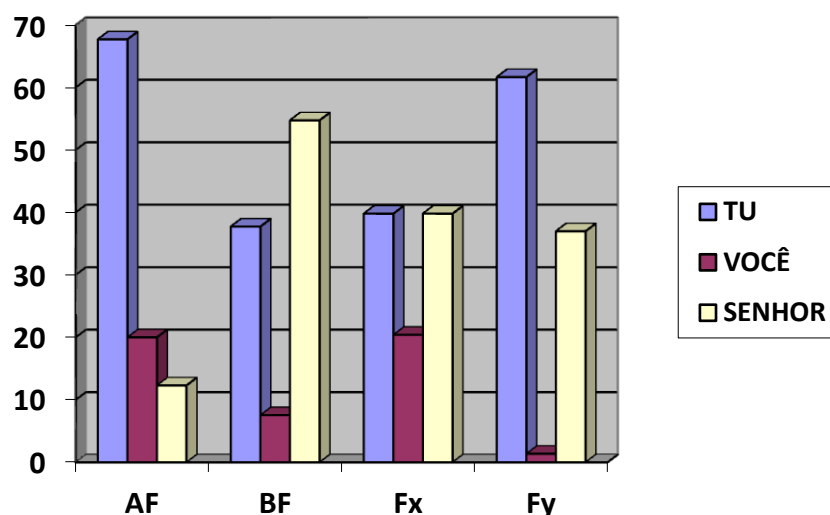


Gráfico 1 – Forma de tratamento de filho para pai.
 AF = filho de professor; BF = filho de funcionário;
 Fx = filho criança; Fy = filho adolescente

Conforme o gráfico 1, os filhos de professores apresentam 67,70% de pronome “tu”, 20% de “você” e 12,30% de “senhor”; enquanto os filhos de funcionários apresentam 37,73% de pronome “tu”, 7,54% de “você” e 54,73% de “senhor”. Os filhos crianças apresentam 61,66% de pronome “tu”, 1,36% de “você” e 36,98% de “senhor”;

enquanto os filhos adolescentes apresentam 39,80% de pronome “tu”, 20,40% de “você” e 39,80% de “senhor”.

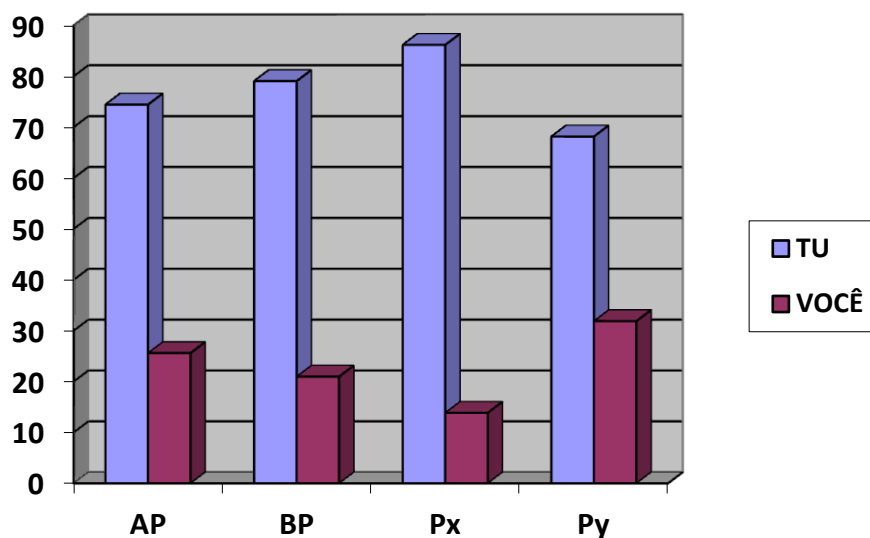


Gráfico 2 – Forma de tratamento de pai para filho.

AP = pais professores; BP = pais funcionários;
Px = pais de crianças; Py = pais de adolescentes

Conforme o gráfico 2, os professores apresentam 74,42% de pronome “tu” e 25,58% de “você”; enquanto os funcionários apresentam 79,04% de pronome “tu” e 20,96% de “você”. Os pais de crianças apresentam 68,14% de “tu” e 31,86% de “você”; enquanto os pais de adolescentes apresentam 86,16% de pronome “tu” e 13,84% de “você”

Hausen (2000) analisou a variação dos pronomes “tu”/“você” em Blumenau, Lages e Chapecó (Santa Catarina). Para tanto, estudou como se dá a escolha do pronome sujeito de segunda pessoa do singular desses pronomes e a concordância verbal com o pronome “tu”. Usou como *corpus* 72 entrevistas que compõem o banco de dados do projeto Variação Linguística da Região Sul do Brasil (VARSUL).

A pesquisadora obteve os seguintes resultados:

1) Com relação à variável dependente *escolha dos pronomes “tu”/“você”*, os habitantes mais jovens de Chapecó e que possuíam o ginásio tiveram uma tendência

para a aplicação da regra, o que, segundo essa autora, é uma indicação de que os fatores sociais foram os que mais exerceram influência na utilização do pronome sujeito de segunda pessoa do singular.

2) No que diz respeito à *concordância verbal com o pronome tu*, os informantes de Blumenau que possuíam o ginásio tenderam à aplicação da regra nas seguintes situações: ao se dirigirem ao entrevistador e principalmente com verbo no pretérito perfeito e com pronome ausente.

O gráfico 3 apresenta os dados percentuais obtidos nas cidades de Blumenau, Chapecó e Lages para a concordância verbal com o pronome sujeito *tu* e para a escolha do pronome “tu” ou “você”.

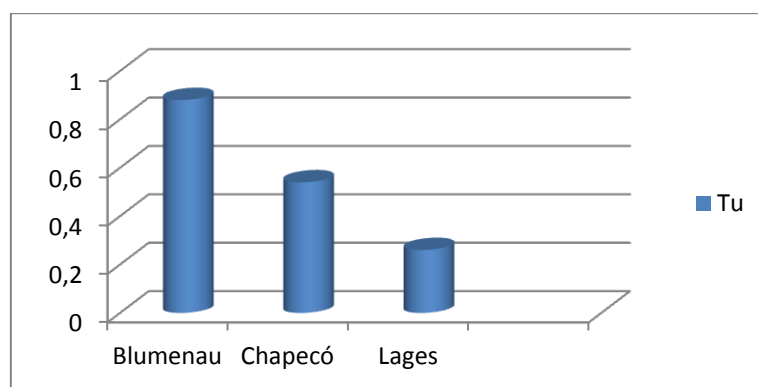


Gráfico 3 – Probabilidade de aplicação da regra nas cidades pesquisadas.
Fonte: Hausen, 2000.

Conforme o gráfico 5, a cidade de Blumenau apresenta maior probabilidade de uso da aplicação da regra para o pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. Lages, com peso relativo de 0.54, apresenta a segunda maior probabilidade de aplicação da regra. O município de Chapecó, ao contrário, apresenta baixa probabilidade da aplicação dessa regra, com peso relativo de 0.26.

Em sua tese de doutorado, Loregian-Penkal (2004) faz uma *(Re)Análise da Referência de Segunda Pessoa na Fala da Região Sul*. A pesquisa é uma continuação da dissertação de mestrado da autora, na qual tratou da relação do pronome “tu” com a

concordância verbal “na fala de informantes do banco VARSUL de Florianópolis e Porto Alegre. Na tese, a pesquisadora incluiu o estudo da alternância pronominal “tu”/“você”.

Para levar a efeito essa pesquisa, a autora analisou 203 entrevistas, sendo 24 de cada uma das cidades de Santa Catarina (Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages), 24 de cada uma das do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja), pertencentes ao banco VARSUL, e 11 de Ribeirão da Ilha (Santa Catarina), pertencentes ao *corpus* utilizado por Cláudia Brescancini em sua dissertação de mestrado, com 203 informantes.

Para essa pesquisa, foram utilizadas as variáveis linguísticas tempo do verbo, apagamento ou não do pronome, interação emissor/receptor, tonicidade e número de sílabas do verbo. Como variáveis sociais, foram utilizados faixa etária (de 25 a 49 anos e mais de 50 anos), nível de escolaridade (primário, ginásio e colegial) e gênero (masculino e feminino), ou seja, foram considerados fatores linguísticos e extralinguísticos que, segundo a autora, “condicionam, de forma integrada, o comportamento sincrônico dos falantes quanto aos fenômenos de alternância pronominal e de concordância verbal”.

As hipóteses da autora são de que, com o fim de marcar a identidade e os valores regionais, haveria a manutenção do pronome “tu”, sem a flexão canônica de segunda pessoa, tendo-se, em consequência disto, maior preenchimento do pronome sujeito; bem como os municípios de Ribeirão da Ilha e de Florianópolis, por terem etnia açoriana, favoreceriam mais a utilização do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa do que os demais municípios da amostra.

Como resultados, a autora aponta: 1) variação tanto na comunidade quanto no indivíduo; 2) manutenção do pronome “tu” como marca de identidade e de valores

regionais; 3) forma verbal não marcada e maior preenchimento do pronome sujeito nas cidades estudadas do Rio Grande do Sul e na cidade catarinense de Chapecó; 4) flexão canônica de segunda pessoa como marca de identidade de Florianópolis e Ribeirão da Ilha; 5) Uso somente de “você” mais avançado em Lages e Blumenau – esta em menor escala.

A seguir, apresentamos o gráfico 4 com resultados relativos à utilização do “tu”/“você” obtidos por Loregian-Penkall (2004). O gráfico apresenta somente os pesos relativos do pronome tu, uma vez que este é considerado por ela a aplicação da regra:

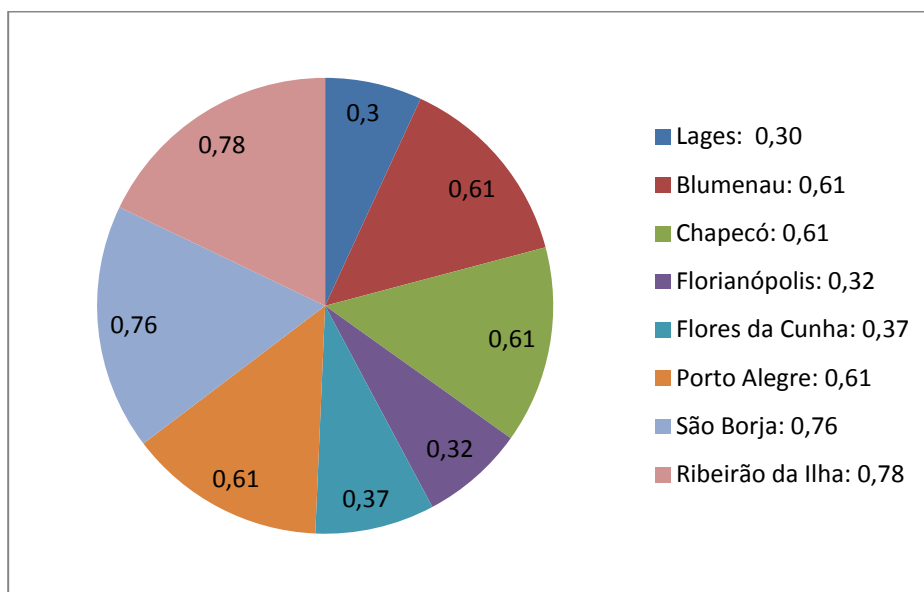


Gráfico 4 – Pesos relativos de “tu” de todas as localidades.

Fonte: Loregian-Penkall (2004).

Herênio (2006) estudou a variação do “tu”/“você” na fala de adultos das cidades de Uberlândia (MG) e Imperatriz (MA), analisando fatores linguísticos e extralinguísticos presentes nos discursos desses entrevistados. Para tanto, usou dois *corpora*, constituídos de 43 entrevistas dadas por informantes de Uberlândia e 43 de Imperatriz, totalizando 1.059 dados. Cada entrevista teve a duração de uma hora.

A hipótese inicial da pesquisadora era de que em Imperatriz o pronome “tu” apresentava alta frequência, alternando com o pronome “você”, e de que em Uberlândia o “tu” não ocorria, mas apresentava “resquícios da segunda pessoa caracterizados por correferentes como ‘te’, ‘ti’, ‘teu’ etc.” (HERÊNIO, 2006, p. 58).

Nessa pesquisa, a autora trabalhou com as variáveis independentes idade e classe social. Para o primeiro fator, seguiu as orientações de Labov (2001, p. 101), com as devidas adaptações à realidade brasileira:

divisões do continuum idade em grupos devem ser mais ou menos em consonância com as fases da vida. Na sociedade moderna americana, esses eventos são o alinhamento para o grupo de pares pré-adolescentes (8-9), a participação no grupo de pares pré-adolescentes (10-12), o envolvimento em relação intersexual e o grupo de adolescentes (13-16), conclusão do ensino secundário e orientação para o mundo do trabalho e/ou faculdade (17-19), o início do emprego regular e responsabilidades da família (30-59), aposentadorias (60).

Com relação à faixa etária, a pesquisadora adotou a seguinte distribuição dos informantes, sendo 5 para cada faixa: 20 a 30 anos, 31 a 45 anos e acima de 45 anos, dos gêneros masculino e feminino. Quanto à classe social, esses foram distribuídos nas classes A (alta), B (média) e C (baixa), com 5 informantes para cada uma delas.

A seguir, apresentamos os resultados de frequência do “tu”/“você” obtidos por Herênio (2006) para as cidades de Imperatriz e Uberlândia.

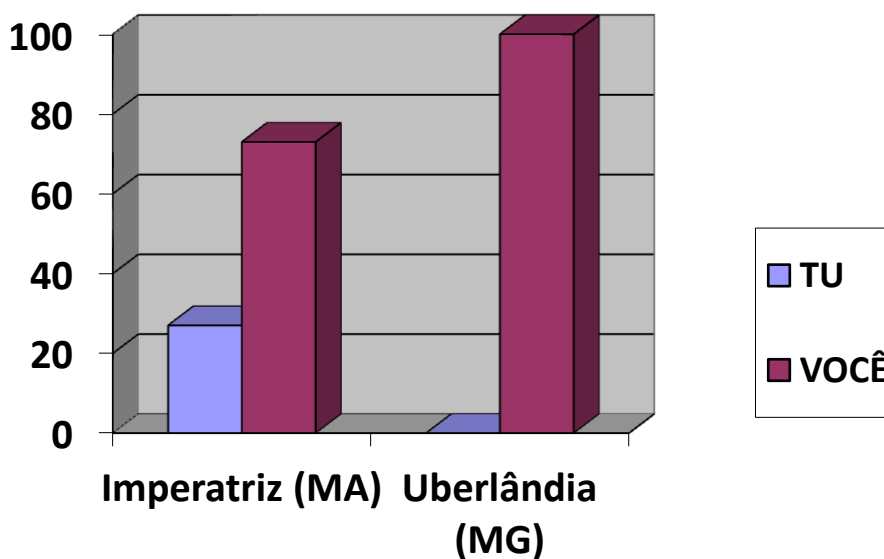


Gráfico 5 – Ocorrência dos pronomes “tu”/“você” em Imperatriz (MA) e Uberlândia (MG).

Fonte: Herênio (2006).

Conforme o gráfico 5, Imperatriz apresenta 27% de uso do pronome “tu” e 73% de “você” enquanto Uberlândia apresenta 0% de ocorrência do pronome “tu” e 100% de “você”. O resultado para Imperatriz contrariou a hipótese inicial da pesquisadora, que esperava uma alta frequência desse pronome no município. Já o resultado para Uberlândia confirmou a hipótese inicial da pesquisadora.

No artigo *A Influência dos Fatores Sociais nos Pronomes “Tu”/“Você” em Concórdia – SC*, Franceschni (2010) apresenta “resultados parciais de um estudo que investiga a variação no uso das formas pronominais “tu/“você” em Concórdia – SC”. Para tanto, utilizou como *corpus* 12 entrevistas, tendo como variáveis independentes gênero, faixa etária (26 a 45 anos e 50 anos ou mais) e escolaridade (Fundamental I, II e Médio).

Tal estudo objetivava “descrever o uso dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ na posição sujeito e verificar os grupos de fatores sociais que possam estar condicionando o uso de um ou outro pronome”.

O total de ocorrências do pronome “tu” na amostra de Franceschni (2010) foi de 204 (52%), enquanto o pronome “você” ocorreu 188 vezes (48%), totalizando 392 ocorrências. Faixa etária e escolaridade foram as variáveis sociais selecionadas como significativas pelo programa Varbrul. Reproduzimos, abaixo, os resultados obtidos por essa autora.

Tabela 1 – Atuação da faixa etária sobre a variante “tu”

Faixa Etária	Aplic./Total	%	Probabilidade
26-45 anos	72/200	36	0.32
50 anos ou mais	132/192	69	0.68
Total	204/392	52	

Fonte: Franceschni (2010).

Baseada nos dados da tabela 1, a autora chega à conclusão de que em Concórdia o fator faixa etária é o que tem maior influência na mudança e no favorecimento do pronome “você”, considerado inovador em relação ao pronome “tu”, tido como típico desse município e que tem sido mantido primordialmente pelos falantes mais velhos.

Tabela 2 – Atuação da escolaridade sobre o uso de “tu”

Escolaridade	Aplic./Total	%	Probabilidade
Fundamental I	51/64	80	0.82
Fundamental II	40/68	59	0.51
Médio	113/260	43	0.41

Fonte: Franceshni (2010).

Com base nos dados apresentados na tabela 2, a autora afirma que, com relação ao fator escolarização, “os pesos relativos indicam que os falantes mais escolarizados, com ensino médio, estão à frente da mudança”.

Lira, Souza e Melo (2010) estudaram a variação de “tu” e “vmce/você” em cartas comerciais da empresa J.G. Araújo, em Manaus, na segunda metade do século XIX. Para tanto, analisaram documentos dessa empresa – cujo acervo pertence à Universidade Federal do Amazonas –, que compreendiam o período de 1879 a 1893. Os pesquisadores chegaram à conclusão de que: 1) “Vossa Mercê” foi o dado com maior recorrência nas correspondências, que era abreviada como “V^{mce}”, e sua forma no plural, “V^{mces}”, apresentou maior recorrência ainda pelo fato de essas correspondências comerciais serem dirigidas a pessoas jurídicas, que são compostas por mais de um sócio, 2) Nessas correspondências, o pronome “tu” era utilizado entre pessoas de mesma hierarquia, nas situações em que os emissores solicitavam favores pessoais ou

recomendações dessa natureza, enquanto o pronome “você”, que se originou de “Vossa Mercê”, era utilizado, no século XIX, como forma de tratamento de reverência e de maneira formal, quando não havia relação de igualdade entre os interlocutores.

Reproduzimos aqui a tabela de Lira *et al.* (2010), que mostra o uso das formas “tu” e “vmce” / “você”.

Tabela 3 – Uso das formas “tu”, “vmce” / “você”

	Sujeito Preenchido	Sujeito Nulo	Total
Tu	4	68	72
V ^{mce}	131	30	161
Você	4	0	4

Fonte: Lira *et al.* (2010).

Os números apresentados na tabela 3 (72 do pronome “tu”, 161 do pronome “vossa mercê” e 4 do pronome “você”) são de ocorrências, e não de frequência e corroboram a maior utilização de “vossa mercê” no período estudado por esses autores.

Martins (2010), para seu estudo sobre “A alternância Tu/Você/Senhor no Município de Tefé – Estado do Amazonas”, utilizou 19 entrevistas, sendo 4 delas sem o conhecimento prévio dos informantes. Foram entrevistadas 30 pessoas, sendo 15 homens e 15 mulheres, divididos em três faixas etárias: 7 a 10, 20 a 35 e mais de 50.

Como conclusões, o autor obteve o seguinte: a) o pronome “tu” é o mais utilizado na cidade de Tefé, estando presente em todas as faixas etárias e em todos os níveis de escolaridade; b) a concordância de “tu” com a forma canônica de segunda pessoa é muito baixa, apenas 3,7%; c) o pronome “tu” é utilizado na sua maioria por mulheres e crianças de 7 a 10 anos; d) “você” é utilizado principalmente em situações formais e de

contato com estranhos; e) as crianças não têm colaborado para a entrada de “você” na comunidade; f) O pronome “senhor” aparece nas relações assimétricas; nas relações pais e filhos a alternância deste com o “tu”; g) as mulheres usam mais “senhor” do que os homens.

Por Onde Tá o ‘Tu’? no Português Falado no Maranhão é o tema do trabalho de Alves (2012), no qual, segundo suas próprias palavras, faz uma “Fotografia geossociolinguística” do português falado nesse estado sobre a variação dos pronomes “tu”/“você”.

A pesquisadora fez 28 entrevistas com falantes dos sexos masculino e feminino, divididos em dois grupos etários: 18 a 30 e 50 a 65 anos. Os municípios escolhidos para a pesquisa foram São Luís e Pinheiro (Mesorregião Norte), Bacabal e Tuntum (Mesorregião Centro) e Alto Parnaíba e Balsas (Mesorregião Sul). Como resultado, a pesquisa mostrou que o pronome “você” é mais utilizado pelo falante maranhense, com frequência de 61,6%, e que os fatores idade, localidade e tipo de relato influenciam a variação dos pronomes estudados nesse estado.

Apresentamos, a seguir, o quadro 2 com os principais resultados/conclusões dos autores citados acima.

Autor/data	Localidade(s)	Freq. (%) Tu/Você	Fatores sociais estudados	Fatores Ling. estudados	Observações gerais
Soares e Leal (1993)	Belém - PA	49,13* 76,84**	Faixa etária e Grupo socioeconômico	–	* Pais para filhos ** Filhos para pais
Loregian-Penkal (2004)	Florianópolis*, Chapecó**, Blumenau e Lages (SC); Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja (RS**); Ribeirão da Ilha (SC); Curitiba* (PR)	76/24 51/49 27/73 15/85 93/7 83/17 84/6 94/6 96/4 0/100	Sexo, Localidade, Escolaridade e Faixa etária.	Explicitação do pronome, Conc. Verbal, Tempo e Modo verbais, Gênero do discurso, Paralelismo formal.	*flexão canônica de segunda pessoa como suas marcas de identidade. ** forma verbal não marcada e maior preenchimento do pronome sujeito. * Uso somente do pronome “você”.

Quadro 2 – Resumo de estudos dos autores selecionados para esta pesquisa.

Autor/data	Localidade(s)	Freq. (%) Tu/Você	Fatores sociais estudados	Fatores Ling. estudados	Observações gerais
Herênio (2006)	Imperatriz, MA; Uberlândia, MG	73/23 0/100	Faixa etária, classe social e região geográfica.	Termo co-referente de segunda pessoa do singular, paradigma número-pessoal do verbo	- O pronome “tu” é utilizado com a terceira pessoa em 92,3% das ocorrências, enquanto com a segunda pessoa, apenas em 7,7% das ocorrências.
Hausen (2000)	Blumenau, Lages e Chapecó (SC)	23/77 16/84 51/49	Escolarização, faixa etária, sexo e região.	Explicitação do pronome sujeito, interação emissor/receptor, paralelismo formal, tempo verbal, saliência fônica verbal, tonicidade do verbo e número de sílabas do verbo.	1) <i>escolha dos pronomes “tu”/“você”</i> . Os habitantes mais jovens de Chapecó e que possuíam o ginásio tiveram uma tendência para a aplicação da regra. Os fatores sociais foram os que mais exerceram influência na utilização do pronome sujeito de segunda pessoa do singular. 2) <i>Concordância verbal com o pronome tu</i> . Os informantes de Blumenau que possuíam o ginásio tenderam à aplicação da regra nas seguintes situações: ao se dirigirem ao entrevistador e principalmente com verbo no pretérito perfeito e com pronome ausente.
Lira, Souza e Melo (2010)	Manaus (AM)	68*/4*	-	-	* Esses números correspondem às ocorrências, e não à frequência. São 4 ocorrências de “tu” explícito e 68, de nulo. O pronome “você” só ocorre explicitamente.
Franceschi (2010)	Concórdia (SC)	52/48	Sexo, escolaridade e faixa etária	-	- a faixa etária exerce maior influência na mudança e no favorecimento do uso do pronome inovador “você”. O pronome “tu” vem sendo mantido pelos mais velhos.
Martins (2010)	Tefé (AM)	64,5/35,5	Gênero, escolaridade, faixa etária, tipo de relação entre os interlocutores, tipo de gravação e grau de intimidade com o interlocutor (íntimo/não íntimo).	Tipo de referência (genérica/específica), tipo de discurso (direto/relatado), paralelismo.	- Mulheres favorecem o uso do “tu” (65%). - Quanto mais jovem o falante, mais o “tu” está presente, ou seja, o pronome “você” não está entrando na comunidade por meio das crianças.
Alves (2012)	São Luís e Pinheiro; Bacabal e Tuntum; Alto Parnaíba e Balsas.	38,8/61,2 36,9/63,1 56,5/46,5 35,7/64,3 15,2/84,8 56,7/43,3	Localidade, faixa etária e sexo.	Concordância verbal, tipo de referência e tipo de relato	- Todos os municípios favorecem o pronome “tu” com a concordância na terceira pessoa; - Dos municípios do interior, apenas em Pinheiro há concordância de “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. - São Luís também apresenta concordância de “tu” com flexão canônica de segunda pessoa, mas favorece o uso deste pronome com a terceira pessoa.

Quadro 2 – Resumo de estudos dos autores estudados.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, expomos os procedimentos metodológicos utilizados na confecção deste trabalho. Apresentamos, de forma breve, o projeto ALIB – Região Norte; o *corpus* a partir do qual fizemos a análise dos pronomes em questão; o modo como procedemos ao tratamento dos dados; as hipóteses; o pacote GoldVarb 2001, com o qual tratamos estatisticamente os dados; bem como as cidades escolhidas para nossa pesquisa: Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Rio Branco.

3.1 SOBRE O PROJETO ALIB

O Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALIB) foi uma iniciativa de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, envolvendo dezessete universidades brasileiras. A ideia de elaboração desse projeto foi aprovada no Seminário *Caminhos e perspectivas para a Geolinguística*, em 1996, na Bahia.

O projeto visa à “descrição acurada da realidade linguística brasileira, para que se alcance o pleno conhecimento do português do Brasil”⁴ (CARDOSO, 2010, p. 168).

Abaixo, seguem outros objetivos do Projeto, segundo Aguilera (1988)

- a) Descrever a realidade linguística do português do Brasil com vistas a identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos característicos da diferenciação ou definidores da unidade linguística no território nacional.

⁴ Para dar conta desses objetivos, o projeto ALIB possui um comitê nacional que está estruturado da seguinte forma: um(a) diretor(a)-presidente, um(a) diretor(a) executivo(a) e oito diretores científicos. Atualmente esses cargos são ocupados, respectivamente, por Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA), Jacyra Andrade Mota (UFBA), Abdelhak Razky (UFPA), Ana Paula Antunes Rocha (UFOP), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Cléo Wilson Altenhofen (UFRS), Felício Wessling Margotti (UFSC), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB/UFC) e Vanderci de Andrade Aguilera (UEL). (CARDOSO, 2010, p. 171)

b) Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos...

c) Registrar, com base na análise em tempo aparente, processos de mudança.

d) Identificar fenômenos linguísticos localizados e específicos de áreas com vistas a estudar as suas repercussões no ensino-aprendizagem da língua materna.

e) Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia –, com vistas a fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.

f) Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

Com o propósito de coletar os dados, o Projeto elaborou os chamados Questionários do ALIB, que constam de: (a) Questionário fonético-fonológico – QFF, constituído de 159 perguntas, (b) Questionário semântico-lexical – QSL, constituído de 202 perguntas; (c) Questionário morfossintático – QMS, com 49 perguntas; e (d) questões referentes à pragmática (4 perguntas), à metalinguística (6 perguntas), assim como sugestões de temas para o registro de discursos semidirigidos (relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal) e texto para leitura (*Parábola dos sete vimes*). (AGUILERA, 1988)

O Projeto iniciou, efetivamente, os inquéritos a partir de 2001. Foram concluídos dezenove Atlas⁵ Linguísticos, tendo nove deles sido publicados: Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais

⁵ Há Atlas elaborados, mas não publicados: Atlas Linguístico do Ceará, Atlas Linguístico do Amazonas, Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara, Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar, Atlas Linguístico do Paraná II, Atlas Linguístico Rural do Município de Ponta-Porã - Mato Grosso do Sul, Atlas Linguístico da Ilha de São Francisco do Sul – SC, Atlas Linguístico da Ilha do Marajó, Atlas Linguístico de Adrianópolis – PR e Atlas Linguístico de Ortigueira– PR. Há ainda alguns em fase de elaboração.

(1977), Atlas Linguístico da Paraíba (1984), Atlas Linguístico de Sergipe (1987), Atlas Linguístico do Paraná (1994), Atlas Linguístico de Sergipe II (2002), Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará (2004), Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (2007) e Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul (2002). Este último é o único Atlas Regional no Brasil.

3.2 *CORPUS* DA PESQUISA

Nesta dissertação, utilizamos como *corpus* os dados da fala de 8 informantes de Belém, 8 de Boa Vista, 8 de Macapá, 8 de Manaus, 8 de Porto Velho e 8 de Rio Branco, totalizando 48 informantes, sendo 4 homens e 4 mulheres de cada capital, por meio de entrevistas de fala espontânea, com base nos Questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB).

3.3 COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados de nosso *corpus* foram coletados entre os anos de 2004 e 2005. Todos os entrevistados nasceram nas capitais estudadas e nelas habitaram a maior parte de suas vidas. A duração de cada entrevista foi em média duas horas e meia, uma vez que os inquiridores faziam todas as perguntas do questionário ALIB – num total de 420 – mais as sugestões de temas para o registro de discursos semidirigidos e texto para leitura, conforme explicitamos na seção 3.1. As entrevistas pertencem ao banco de dados do projeto ALIB – Pará, da Universidade Federal do Pará, e foram feitas por pesquisadores envolvidos no projeto, que também fizeram as transcrições destas – na íntegra e com a devida fidelidade ao texto do falante. De posse dos dados, selecionamos os trechos das falas dos entrevistados em que havia ocorrência dos pronomes por nós estudados e que nos propiciaram o estabelecimento da variável dependente binária

estudada: a referência de segunda pessoa do singular e suas variantes “tu” e “você”⁶. Procedemos à codificação para, então, passarmos ao tratamento estatístico – por meio do programa GoldVarb 2001 – dos grupos de fatores das variáveis dependentes e independentes, a fim de obtermos a frequência e o peso relativo, seguindo nessa etapa as orientações de Sankoff (1988) e Pintzuk (1988) sobre como proceder às rodadas. Finalmente fizemos a análise linguística e quantitativa desses dados – levando em consideração as hipóteses levantadas –, que nos permitiram chegar às conclusões deste trabalho.

3.4 VARIÁVEIS ESTUDADAS

Para este trabalho, escolhemos como variável dependente a referência de segunda pessoa do singular e suas variantes “tu” e “você”. Como variáveis independentes, consideramos quatro fatores internos à língua: concordância verbal, explicitação do pronome, modo verbal e tempo verbal; e quatro fatores externos (sociais): localidade, faixa etária, gênero e escolaridade, que podem contribuir para a variação desses pronomes nas cidades estudadas.

Apresentamos, a seguir, os quatro fatores linguísticos citados.

Concordância verbal – Trabalhamos esse grupo de fatores somente com o pronome “tu”, levando em consideração as ocorrências que apresentavam flexão de segunda pessoa e as que não apresentavam essa flexão. Também separamos as ocorrências com sujeito explícito das com sujeito não explícito. No segundo caso,

⁵ Como em nosso *corpus* houve pouquíssimas ocorrências da variante “cê”, consideramo-la como a forma “você”. Diferentemente de Peres (2006) e Gonçalves (2008), que apontam a ocorrência da variante “ocê”, não observamos em nosso *corpus* a presença dessa variante.

observamos se havia ou não marca de segunda pessoa. As ocorrências em que não havia essa marca e que não apresentavam um contexto favorecedor ao pronome “tu” não foram consideradas para este trabalho.

Os itens abaixo são exemplos dessa concordância com o pronome “tu”:

- (1) Onde é que tu vais? Aonde é que tu vais com isso? [024 QMS]
- (2) ...então tu vais viajar, [024 QMS]
- (3) é que porque quando tu falaste em milho, ... [048 QSL]
- (4) Tu vai viajá? Pra ondi tu vai? [024 QMS]
- (5) ... mi dá (tu) um guaraná Pixó... [005 QMS]

Explicitação do pronome – Esse grupo de fatores nos ajudará a verificar se a explicitação ou não dos pronomes “tu”/“você” favorece o uso do primeiro ou do segundo pronome e, no caso específico do pronome “tu”, se a concordância se dá com o verbo na segunda ou na terceira pessoa. Tivemos o cuidado de separar as ocorrências de sujeito explícito das com sujeito não explícito e de observar o contexto de fala em que estas ocorriam.

Abaixo seguem alguns exemplos de ocorrências que compuseram a amostra:

- (6) Raimundo, **tu** vai viajá... hoje? [024 QMS]
- (7) Fulano, tu vais viajá? [024 QMS]
- (8) Ah, eu soube que tu casaste... [035 QMS]
- (9) Por favor, dá (**tu**) um guaraná aí, *fia*. [005 QMS]
- (10) Você ganhou esse presente. [030 QMS]
- (11) (**tu**) Queres um guaraná? [005 QMS]
- (12) Você come e não faz mal, é excelente, ... [035 QFF]
- (13) Ah, você falou que era pra mim falá, né. [142 QSL]

Tempo e modo verbais – Essas variáveis são importantes para observarmos se há influência destas em relação à escolha do falante pelos pronomes “tu”/“você”, bem como pela concordância destes com o verbo. Como em nosso *corpus* não foi observada nenhuma ocorrência dos pronomes “tu”/“você” em sentenças no tempo futuro, o presente e o pretérito foram os tempos definidos como fatores a serem analisados. Os modos indicativo e imperativo são os que aparecem nas ocorrências de nossa pesquisa.

O fato de o modo imperativo ser o que mais aparece em nosso *corpus* nos levou a fazer as considerações abaixo, que nos ajudarão a compreender o porquê de, conforme a flexão verbal apresentada, apontarmos o pronome “tu” ou “você”, mesmo quando estes não estão explícitos.

Scherre (2007) trata do imperativo gramatical no português brasileiro, estudando a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular “tu”/“você” e usa como exemplos os verbos “deixa/recebe/abre/dá/diz/vai” e suas variantes “deixe/receba/abra/dê/diga/vá”.

A autora alerta para o fato de que não se deve usar o modo imperativo fora do contexto, ou seja, fora da estrutura dialógica, sem âncora discursiva, o que pode levar a ambiguidades. Como exemplo dessa ambiguidade, ela cita o item 4 do exercício 17 constante em Cegalla (1991, p. 184): “Abri as portas à esperança, não deixeis entrar o desânimo”. Segundo ela,

a primeira interpretação (e a mais provável) da forma verbal *abri* é de primeira pessoa do singular (eu *abri*), denotando uma leitura assertiva, e não uma leitura imperativa de segunda pessoa do plural (*abri vós*), como o exercício pressupunha (SCHERRE, 2007, p. 191)

Baseados na orientação dessa autora, para este trabalho, quando o sujeito não está explícito, apontamos o pronome “tu” ou “você” levando em consideração o seguinte: 1) Com verbos como os citados por Scherre: “deixa/recebe/abre/dá/diz/vai”, optamos pelo pronome “tu”; com verbos do tipo “deixe/receba/abra/dê/diga/vá”, pelo pronome “você”. 2) Na sequência de fala do entrevistado, observamos se o pronome utilizado era o “tu” ou o “você”, para só então decidirmos por um dos dois. Ressaltamos aqui a importância do contexto em que esses pronomes apareciam.

As sequências abaixo são exemplos disso:

“tu lavá aí, tu botá vinagre, sal...” / “tu dissolve o cal na água aí pega um pincel...” / “... **Pô favô me dá [tu] um guaraná aí bem geladu**” / “Pra onde é que tu vai?”

“... você poderia lavá esses alimentos pra mim com água e vinagre por favor?” / “Alfaces, moça, você poderia lavar esses alfaces aqui pra mim com água e vinagre?” / “**Por favor, me veja [você] um guaraná?**” / “Você ganhou esse presente”.

Com relação às variáveis sociais, elegemos quatro das que são consideradas pelo ALIB – Pará: **localidade** (Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Rio Branco); **gênero** (4 homens e 4 mulheres); **faixa etária** (15 a 30 e 40 a 65 anos); e **escolaridade** (ensinos fundamental e superior).

A justificativa para levarmos em consideração essas quatro variáveis são expostas a seguir:

Localidade – Por intermédio desse grupo de fatores, pretendemos demonstrar como se dá a variação dos pronomes “tu”/“você” nas seis capitais do Norte pesquisadas, bem como, especificamente, o comportamento de “tu” em relação à concordância com o verbo na flexão canônica de segunda pessoa ou na terceira pessoa.

Faixa etária – Por poder apontar se um fenômeno está em variação estável ou em mudança em curso, a faixa etária é uma variável social importante nos estudos

varacionistas. Essa mudança pode ser estudada em tempo aparente ou em tempo real. No primeiro, é feito um recorte sincrônico da fala de pessoas de diferentes faixas etárias (é o caso desta pesquisa); no segundo, estudam-se os mesmos falantes em épocas diferentes. Conforme dissemos na introdução, não é nosso objetivo observarmos essa mudança, mas achamos importante expor a faixa etária que favorece ou inibe os pronomes aqui estudados, uma vez que falantes de idades diferentes podem apresentar comportamentos linguísticos diferenciados.

Gênero – Os estudos variacionistas que envolvem “tu”/“você”, em geral, afirmam que o gênero feminino favorece a utilização do primeiro pronome e, ao fazer isso, tende a usá-lo com a forma canônica de segunda pessoa, pois costuma valorizar as formas mais prestigiadas pela sociedade (PAIVA, 2010). Labov (2001) afirma que o controle por meio desse grupo de fatores revela as diferenças (de caráter cultural, e não biológica) entre as falas de homens e mulheres.

Escolaridade – Esse grupo de fatores nos permite observar se os falantes de nossa pesquisa tendem a reproduzir ou não a variante valorizada pela escola, ou seja, aquela socialmente privilegiada, principalmente com relação à concordância do pronome “tu” com a segunda ou com a terceira pessoa do singular.

3.5 HIPÓTESES

Trabalhamos nesta pesquisa com as seguintes hipóteses:

- 1) O pronome “tu” alterna com o pronome “você” nas seis capitais nortistas, sendo o primeiro mais utilizado do que o segundo;
- 2) O pronome “tu” é mais utilizado com o verbo na segunda pessoa do singular;
- 3) A não explicitação do pronome favorece o “tu” e a concordância com a segunda pessoa do singular;

- 4) O tempo verbal (presente/pretérito) favorece o pronome “tu” e a concordância deste com a flexão canônica de segunda pessoa;
- 5) O modo verbal não tem influência na escolha dos pronomes em questão, mas favorece a utilização do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa;
- 6) A escolaridade é determinante na escolha dos pronomes “tu”/“você” e na concordância daquele na flexão canônica ou na terceira pessoa;
- 7) Os falantes do gênero feminino utilizam mais o pronome “tu”; os falantes masculinos, mais o pronome “você”;
- 8) A faixa etária de 15 a 30 anos favorece o pronome “tu” e a concordância deste com flexão canônica de segunda pessoa; enquanto a faixa de 40 a 65 favorece o “você”.

3.6 O PROGRAMA VARBRUL

Apresentamos aqui, de forma breve, os pacotes do programa Varbrul (Variable Rules Analysis), que são um “conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturada para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007: 105).

Implementado inicialmente em 1988 por Pintzuk para ser usado em microcomputadores IBM, o Varbrul teve sua versão atualizada em 1992.

Scherre e Naro (2010) informam que as versões 1988 e 1992 do Varbrul – com produção de resultados estatísticos para variáveis binárias – passou a ser chamado de GoldVarb e a funcionar também em microcomputadores *Macintosh*, com maior facilidade que a versão anterior, embora tenha mantido o mesmo formato de entrada de dados.

Uma nova versão desse programa surgiu em 2001 ambientado no *Windows*: *GoldVarb 2001*, que é composto de um arquivo executável e um de texto.

Os autores chamam atenção para o fato de que os programas citados apresentam resultados numéricos apenas de valor estatístico. Cabe ao linguista interpretar esses dados, que lhe permitem confirmar ou não as hipóteses iniciais de sua pesquisa.

3.7 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

Como nossa variável dependente é binária: “tu”/“você”, utilizamos o pacote GoldVarb 2001 para o tratamento estatístico dos dados. Realizamos a primeira rodada obedecendo às normas prescritas por Wolfram (1991) e com todos os grupos de fatores, com o objetivo de identificar qual(is) deles interfere(m) na utilização dos pronomes “tu”/“você”.

Os grupos de fatores tratados foram:

a) variável dependente:

– Pronome sujeito de segunda pessoa do singular: “tu”/“você”.

b) variáveis independentes:

– localidade (Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Roraima);

– gênero (masculino/feminino);

– escolaridade (ensino fundamental/ensino superior);

– faixa etária (15 a 30 anos/40 a 65 anos);

– concordância verbal com o pronome “tu” (segunda pessoa/terceira pessoa);

– explicitação do pronome (explícito/não explícito);

– tempo verbal (presente/pretérito);

– modo verbal (imperativo/indicativo).

Apresentamos, a seguir, o quadro 3 com as variáveis dependentes e independentes e seus respectivos códigos.

VARIÁVEIS	CÓDIGO
Dependente	
Pronome sujeito de segunda pessoa do singular:	T
TU	V
VOCÊ	
Independentes	
Localidade:	
Belém, Manaus, Rio Branco, Boa Vista,	1, 2, 3, 4
Porto Velho, Macapá	5, 6
Concord. com a segunda pessoa	D
Concord. com a terceira pessoa	C
Masculino	M
Feminino	F
Ensino fundamental	B
Ensino superior	S
15 a 30 anos	J
40 a 65 anos	A
Explicitação do pronome	E
Não explicitação do pronome	O
Presente	P
Passado	Q
Imperativo	I
Indicativo	U

Quadro 3 – Código utilizado para as variáveis dependentes e independentes.

Esclarecemos mais uma vez que, com relação à não explicitação do pronome, só consideramos para este trabalho as ocorrências com formas verbais de segunda pessoa e de acordo com o contexto de aparecimento dos pronomes em questão. São exemplos disso: “Fecha [tu] sem passá a chave” [014 QFF], “Tu num tem que ficar

aí” [001 DSD], “[tu] Tens que fazê u seguinte...”; “Você vai viajá pra onde?” [024 QMS], “Fêche [você] a porta” [014 QFF].

Nesse primeiro momento, apenas o grupo de fatores concordância verbal apresentou nocaute, que foi resolvido com a idealização de sentenças com o pronome “você” na segunda pessoa do singular.

Após essa primeira rodada, obtivemos o número de ocorrências dos pronomes “tu” (431) e “você” (296) de um total de 727 ocorrências.

Para verificarmos que grupo de fatores favorece ou inibe a aplicação da regra de nossa variável dependente, consideramos o trabalho de Amaral (1998 *apud* HAUSEN, 2000) que afirma ser necessário, em relação ao peso relativo, levar-se em consideração que quanto mais abaixo do ponto neutro (0.50), menos favorecida será a regra; e quanto mais acima desse ponto, mais ela será favorecida.

3.8 CAPITAIS DO NORTE

Segundo Labov (*idem*, p. 21), “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”. Apresentamos aqui alguns dados sobre o Projeto ALIB na Região Norte e sobre as capitais-alvo de nossa pesquisa.

3.8.1 Projeto ALIB na Região Norte

Considerada a região brasileira de maior extensão, com uma área territorial de 3.869.637 km² – correspondendo a 45% do território brasileiro –, o Norte é uma das regiões menos populosas do Brasil – 15.864.454 hab. –, só estando à frente da região Centro-Oeste. Sua densidade demográfica é de 0,2.

A região é composta dos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins cujas capitais são, respectivamente, Rio Branco, Macapá, Manaus, Belém, Porto Velho, Boa Vista e Palmas. Esta, como já dissemos, não faz parte de nossa pesquisa.

Apresentamos aqui os pontos de rede de cada um dos estados nortistas desta pesquisa:

Acre: Cruzeiro do Sul e Rio Branco.

O estado apresenta 0,8 hab./km² de densidade demográfica e 153.149 km² de extensão territorial. Não possui atlas linguístico publicado.

Amapá: Macapá e Oiapoque.

O estado apresenta 0,6 hab./km² de densidade demográfica e 143.453 km² de extensão territorial. Não possui atlas linguístico publicado.

Amazonas: Benjamin Constant, Manaus, Manicoré, São Gabriel da Cachoeira e Tefé.

O estado apresenta 3,8 hab./km² de densidade demográfica e 1.577.820 km² de extensão territorial. Possui um atlas linguístico, de autoria de Maria Luiza de Carvalho Cruz, fruto de sua tese de doutorado.

Pará: Almeirim, Altamira, Belém, Bragança, Conceição do Araguaia, Itaituba, Jacareacanga, Marabá, Óbidos e Soure.

O estado apresenta 8,0 hab./km² de densidade demográfica e 1.253.84 km² de extensão territorial. Possui um atlas linguístico publicado, o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (RAZKY, 2003).

Rondônia: Porto Velho

O estado apresenta 1,6 hab./km² de densidade demográfica e 237.576,167 km² de extensão territorial. Não tem atlas linguístico publicado.

Roraima: Boa Vista

O estado apresenta 0,4 hab./km² de densidade demográfica e 225.116 km² de extensão territorial. Não tem atlas linguístico publicado.

3.8.2 Belém

Localizada às margens da Baía do Guajará, às proximidades da foz do Amazonas, Belém, segundo Viana (1967), teve sua colonização iniciada na primeira metade do século XVII. Foi fundada por Francisco Caldeira Castelo Branco em 12 de janeiro de 1616, que, com o objetivo de dar proteção à foz do Rio Amazonas (PEREIRA *et al.*, 2007), estabeleceu aqui o forte do Presépio. Atualmente com 397 anos, a cidade já se prepara para as comemorações de seus 400 anos.

Antes da denominação atual, recebeu os nomes de Feliz Lusitânia, Santa Maria do Grão-Pará e Santa Maria de Belém do Grão-Pará. A formação inicial consistia do forte do Presépio, concluído em 1616, e de um colégio de jesuítas datado de 1626. Ambos ficavam no ponto mais alto da cidade.

No período entre 1850 e 1920, conhecido como Ciclo da Borracha, Belém apresentou grande desenvolvimento econômico e cultural. Esse desenvolvimento possibilitou o melhoramento de sua infraestrutura; exemplo disso foram a implantação de luz elétrica na cidade e várias outras mudanças urbanísticas. O látex, considerado o ouro branco, trouxe também a internacionalização da cidade e certo requinte da elite paraense. A cidade vivia então sua *belle-époque*, de inspiração parisiense. Dois grandes símbolos dessa prosperidade são a construção do imponente Teatro da Paz, considerado dos mais belos do Brasil, e o cinema Olympia, o mais antigo do Brasil em

funcionamento. Esse período influenciou também a arquitetura dos prédios da cidade, o que a levou a ser chamada de *Paris n'América*.

Toda essa prosperidade econômica fez com que Belém se tornasse, segundo o censo de 1900, uma das capitais brasileiras mais populosas, com cerca de 96.000 hab. Todavia a cidade passaria na década de 1920 por um período de declínio econômico, em decorrência do surgimento da borracha sintética produzida na Malásia.

O mapa abaixo dá a localização da cidade de Belém do Pará.



Figura 1 – Mapa do Estado do Pará com destaque para a cidade de Belém.

Fonte: Imagens do Google.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), um novo crescimento econômico, ainda advindo da fase áurea da borracha, fez com que Belém recebesse nova leva de imigrantes para o trabalho nos seringais. Com o término dessa guerra, o município passa por novo declínio econômico.

Atualmente com uma área de 1.064.918 km² e cerca de 1,6 milhão de habitantes (IBGE/2010), a capital do Estado do Pará é considerada a cidade mais populosa da linha do Equador e a segunda da Região Norte. É chamada de "Cidade das Mangueiras" e também de "Cidade Morena", graças à miscigenação do povo português com os índios Tupinambás.

A economia de Belém está ligada principalmente ao comércio, aos serviços e ao turismo. A indústria vem crescendo na capital paraense: alimentícia, madeireira, pesqueira etc. Outro fator importante para a economia de Belém é contar com os portos brasileiros mais próximos da Europa e dos Estados Unidos: Belém, Miramar e Outeiro.

A seguir, apresentamos quadro-síntese com outras informações sobre a cidade.

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	0,806 (PNUD - 2000)
Imigração	Portugueses, italianos, franceses, japoneses, libaneses, nordestinos – principalmente maranhenses.
População de homens e mulheres	47% de homens, 53% de mulheres (2010)
Transporte	3 aeroportos, 1 terminal rodoviário, 1 terminal fluvial, 1 <i>ferry-boat</i> , 1 terminal turístico.
Universidades/Faculdades	6 universidades/faculdades públicas e 17 particulares.

Quadro 4 – Dados socioeconômicos de Belém.

Fonte: Informações Socioeconômicas de Belém, 2010.

3.8.3 Boa Vista

A história da cidade de Boa Vista se confunde com a do próprio estado de Roraima. O município, fundado em 1830 por Inácio Lopes de Magalhães – capitão do Forte de São Joaquim –, nasceu no entorno de uma fazenda chamada Boa Vista. Esse pequeno povoado passou a ser sede da Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, em 9 de novembro de 1858, por meio da Lei n.º 92.

Boa Vista foi planejada por Darcy A. Dernusson entre 1944 e 1946, no governo de Ene Garcez. Graças a esse planejamento, a cidade apresenta traçado urbano

moderno e bem arborizado e avenidas largas convergendo para o centro. Por possuir poucos prédios altos, é uma cidade bastante ventilada.

A cidade se tornou capital do então Território Federal do Rio Branco em 1943 e se desenvolveu graças ao garimpo. A partir de 1962, esse território passou a denominar-se Território Federal de Roraima, sendo elevado a Estado em 1988. Com a proibição do uso de máquina nos garimpos, a economia da cidade ficou prejudicada.

Ocupa a porção centro-oriental do Estado e é a única capital situada totalmente ao norte da linha do Equador. Em 1980, a descoberta de garimpo na região provocou a imigração em massa para Boa Vista. Isso fez com que a população, que era de 5.132 hab. em 1950, passasse para 208.514 hab. em 2001. Atualmente possui uma população de 284.313 hab. em uma área de 5.117 km² e sua economia está concentrada no centro da cidade, sobretudo nas avenidas Jaime Brasil, Ville Roy e Ataíde Teive, e no shopping Boa Vista.



Figura 2 – Mapa de Roraima com destaque para a cidade de Boa Vista.

Fonte: Imagens do Google.

A seguir, apresentamos quadro-síntese com outras informações sobre a cidade.

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	0,779
Imigração	Portugueses, espanhóis e neerlandeses.
População de homens e mulheres	49,40% de homens, 50,60% de mulheres (2010)
Transporte	1 aeroporto, 1 terminal rodoviário.
Universidades/Faculdades	4 universidades/faculdades públicas e 5 particulares.

Quadro 5 – Dados socioeconômicos de Boa Vista.

Fonte: Informações socioeconômicas de Boa Vista, 2010.

3.8.4 Macapá

Macapá é a capital do Estado do Amapá e fica situada no sudeste do estado, às margens do rio Amazonas. O nome da cidade é uma corruptela de “macapaba”, ou seja, lugar de muitas bacabas. Seu primeiro nome foi Adelantado de Nueva Andaluzia, dado por Carlos V de Espanha, em 1544. A cidade não tem ligação por meio de rodovias com outras capitais. Com uma área de 6.407 km², o município apresenta, segundo o IBGE (2011), uma população de 407.023 hab.

Segundo Portilho (2010), a fundação de Macapá está relacionada à proteção do território brasileiro pelos portugueses com o fim de manter a soberania de Portugal sobre o Brasil. Para tanto, em 1738 um destacamento militar se posicionou nesse município. Em 1758, a localidade foi instituída como Vila, com o objetivo não só de defender a área como também controlar os índios habitantes daquela região com o fim de explorá-los como mão de obra.

Ainda segundo essa autora, em 1751, são enviados pelo governo português colonos da Ilha de Açores para promover o povoamento da região. Esses colonos se

estabeleceram nas circunvizinhanças do sítio em que hoje se localiza a Fortaleza de Macapá, construído também com o objetivo de proteção contra invasores, principalmente franceses, ingleses e holandeses.

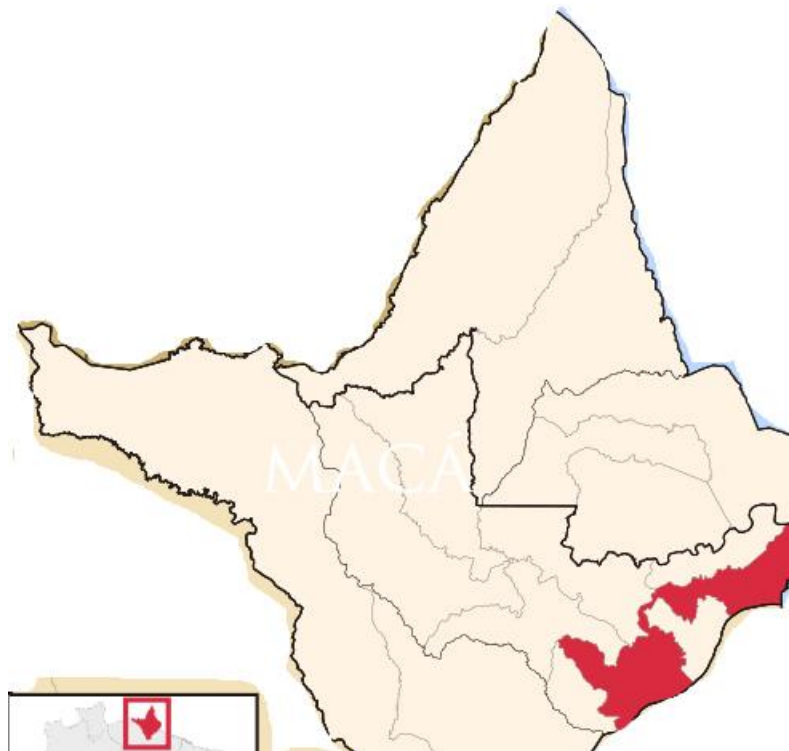


Figura 3 – Mapa do Amapá, com destaque para a cidade de Macapá.

Fonte: Imagens do Google.

Essa capital tem no comércio, no extrativismo e na indústria as bases de sua economia. Sua localização estratégica lhe dá condições de se relacionar comercialmente com a América Central, a América do Norte e a Europa. A economia do município ganhou novo impulso com a Zona de Livre Comércio de Macapá, permitindo negócios nas áreas da indústria, do comércio, de serviços e do turismo.

A seguir, apresentamos quadro-síntese com outras informações sobre a cidade.

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	0,772
Imigração	Portugueses, maranhenses, paraenses (e de outras regiões da Amazônia) e cearenses.
População de homens e mulheres	49% de homens, 51% de mulheres (Censo 2010).
Transporte	1 aeroporto, 1 terminal rodoviário.
Universidades/Faculdades	4 universidades/faculdades públicas e 5 particulares.

Quadro 6 –Dados socioeconômicos de Macapá.

Fonte: Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico do Amapá.

3.8.5 Manaus

Segundo o IBGE (2010), Manaus, capital do Amazonas, possui uma área de 11.401 km². Seu nome é uma corruptela de Manaós, tribo que habitava a região, e significa “Mãe de Deus”. O início de sua colonização foi em 1669 e teve como primeiro nome Forte de São José da Barra do Rio Negro, que passou à categoria de Vila em 1833. Tornou-se capital da Província do Amazonas em 24 de outubro de 1848, por meio da Lei n.º 68, promulgada pela Assembleia Provincial. Atualmente é a cidade de maior população da Região Norte.

Durante o Ciclo da Borracha, segundo Araújo (1974), cearenses e portugueses chegaram a Manaus, sendo os segundos provenientes da região de Açores, mas também aportaram por aqui imigrantes oriundos de Douro, Minho, Alentejo e Algarves. Além desses, a cidade recebeu imigrantes espanhóis, alemães, italianos, dentre outros.

O desenvolvimento dessa capital deveu-se em grande parte ao chamado Ciclo da Borracha. O Teatro Amazonas e o Mercado Municipal são exemplos desse ciclo. A Zona Franca de Manaus, criada em junho de 1957 por meio da Lei n.º 3.873 e

reformulada e ampliada em 28 de fevereiro de 1967 pelo Decreto-Lei n.º 288, possibilitou incentivos fiscais que impulsionaram o desenvolvimento dessa cidade por meio da criação de polos comercial, industrial (com ênfase para os eletroeletrônicos) e agropecuário, fazendo-a atrair compradores do país inteiro e também grande fluxo de turistas, que teve como consequência a construção de hotéis e melhoria nos transportes e nas comunicações para atender a essa clientela.



Figura 4 – Mapa do Estado do Amazonas com destaque para a cidade de Manaus.

Fonte: Imagens do Google.

Atualmente a cidade investe em novas tecnologias e no potencial da região, com destaque para o Ecoturismo e para o aproveitamento sustentável. Um dos responsáveis pelo sucesso desses investimentos é a parceria entre administração pública e iniciativa privada.

A seguir, apresentamos quadro-síntese com outras informações sobre a cidade.

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	0,713
Imigração	Portugueses, espanhóis, franceses, japoneses, árabes, judeus e nordestinos (principalmente cearenses e maranhenses), paulistas e gaúchos.
População de homens e mulheres	49% de homens, 51% de mulheres (Censo 2010).
Transporte	1 aeroporto, 1 rodoviária, 1 porto.
Universidades/Faculdades	3 públicas e 14 particulares.

Quadro 7 – Dados socioeconômicos de Manaus.

Fonte: Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico do Amazonas.

3.8.6 Porto Velho

Localizada à margem do Rio Madeira, Porto Velho, capital do estado de Rondônia, surgiu com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré em torno de 1907, após a assinatura, em 17 de novembro 1903, do Tratado de Petrópolis, por meio do qual ficava o Brasil com o compromisso, junto com a Bolívia, de construir essa estrada, que se estenderia de Mamoré – então território boliviano e atual município de Guajará Mirim) – até as cabeceiras do rio Madeira – território brasileiro e atual Porto Velho.

Para a construção dessa obra, considerada a maior da Amazônia ocidental, veio para o local mão de obra da Inglaterra, Ásia, Caribe e Estados Unidos.

A história da origem do nome da cidade é controversa, mas a mais conhecida nos conta que havia um morador agricultor conhecido como “Velho Pimentel” nas proximidades da construção. O morador tinha um porto que servia de base para as embarcações que se dirigiam à Vila de Santo Antônio e que ficou conhecido como “Porto do Velho”. Outra possibilidade é que havia na área um ponto de apoio estratégico que serviu ao Exército brasileiro por ocasião da Segunda Guerra Mundial e, após o término desta, este foi abandonado, sendo depois denominado “Porto Velho”.

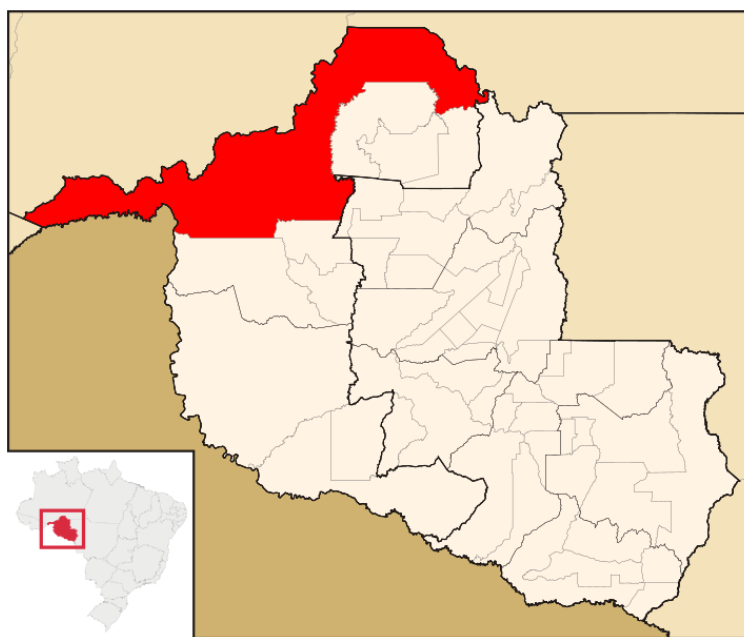


Figura 5 – Mapa do Estado de Rondônia com destaque para a cidade de Porto Velho.

Fonte: Imagens do Google.

Passou a ser legalmente município do Amazonas em 2 de outubro de 1914 e em 1943 tornou-se capital de Rondônia. Inicialmente a população da região era formada por cerca de 1000 pessoas, na sua maioria funcionários da empresa construtora da estrada de ferro. Atualmente a população do município é de 435.732 hab., que vivem em uma área territorial de 34.068.50 km².

O desenvolvimento da cidade se deu com a instalação da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e foi se consolidando com os ciclos de exploração da borracha, da cassiterita e do ouro, o que fez com que muitos imigrantes fossem atraídos para essa capital.

A seguir, apresentamos quadro-síntese com outras informações sobre a cidade.

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	0,763
Imigração	Ingleses, asiáticos, caribenhos e norte-americanos.
População de homens e mulheres	51% de homens, 49% de mulheres (2010).
Transporte	1 aeroporto, 1 rodoviária, 1 porto.
Universidades/Faculdades	2 universidades públicas e 9 particulares.

Quadro 8 – Dados socioeconômicos de Porto Velho.

Fonte: Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico de Rondônia.

3.8.7 Rio Branco

A capital do Acre, Rio Branco, está localizada às margens do rio Acre, a cerca de 3.123 km de Brasília. Segundo o IBGE (2012), a cidade apresentava até agosto de 2011 uma população de 342.298 hab., com uma área de 9.222.58 km².

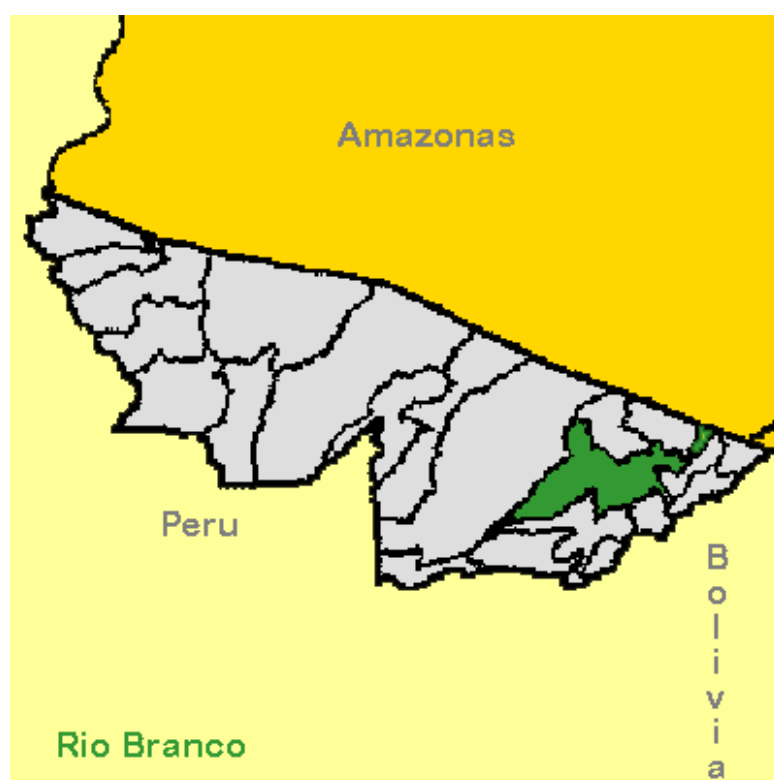


Figura 6 – Mapa do Estado do Acre com destaque para a cidade de Rio Branco.

Fonte: Imagens do Google.

Cognominada de “Capital Natureza”, Rio Branco tem este nome em homenagem ao Barão do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos Júnior. Fundada em 28 de dezembro de 1882 pelo seringalista Neutel Maia, a cidade surgiu de um seringal. Está dividida em duas partes pelo rio Acre: Primeiro e Segundo Distritos.

O governo federal, após a Revolução Acreana em 1903, enviou ao Estado do Acre Cunha Matos para ser prefeito do departamento do Alto Acre até 1905. A margem direita do rio Acre foi escolhida como sede da prefeitura, passando o local a chamar-se Vila Branco. Mais tarde, em 1910, a sede dessa prefeitura foi transferida pelo coronel Gabino Besouro – então prefeito – para a margem esquerda do rio, por ter maior altitude.

Os nordestinos foram os principais responsáveis pelo povoamento dessa região, ainda no início do século XIX. Assim como as demais cidades da Região Norte, o Ciclo da Borracha teve grande influência no desenvolvimento desta capital, que atraiu, além de mais nordestinos, turcos, portugueses, espanhóis, dentre outros.

A seguir, apresentamos quadro-síntese com outras informações sobre a cidade.

Quadro 9 – Dados socioeconômicos de Rio Branco.

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	0,754
Imigração	Nordestinos, turcos, portugueses, espanhóis, dentre outros.
População de homens e mulheres	49% de homens, 51% de mulheres (Censo 2010).
Transporte	1 aeroporto, 1 rodoviária.
Universidades/Faculdades	1 universidade pública, cerca de 6 particulares.

Fonte: Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico do Acre.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados e sua respectiva análise, após as rodadas realizadas no programa GoldVarb 2001, que nos forneceu os pesos relativos referentes ao uso dos pronomes “tu”/“você” pelos falantes das capitais aqui estudadas. Primeiramente apresentamos as rodadas estatísticas com os pronomes “tu”/“você” e todos os grupos de fatores considerados; em seguida expomos os cruzamentos da concordância verbal do pronome “tu” com cada um dos fatores: localidade, gênero, escolaridade, faixa etária, tempo e modo verbais, e explicitação do pronome.

4.1 RODADAS ESTATÍSTICAS COM OS PRONOMES “TU”/“VOCÊ”

Na primeira rodada feita no programa Makecell – programa que fornece as frequências correspondentes a cada fator –, utilizamos todos os grupos de fatores, sendo que, conforme afirmamos na Metodologia, obtivemos um nocaute no grupo de fatores concordância dos pronomes com a segunda e terceira pessoas, uma vez que o pronome você (singular) só concorda com a terceira pessoa do singular, portanto não ocorreu variação nesse fator. Para resolver este problema, seguimos a orientação de Guy e Zilles (2007) e acrescentamos um dado fictício nesse grupo de fatores. Após isso, o programa prosseguiu a rodada.

Nessa rodada, obtivemos o número total de ocorrências do *corpus*: 727, sendo 431 de pronome “tu” e 296 de “você”. Também aqui pudemos observar as frequências desses pronomes em cada uma das localidades pesquisadas, conforme a tabela 4 (pág. 68).

Como Loregian-Penkal (2004), utilizamos nas rodadas para testar a alternância “tu”/“você” o primeiro pronome como aplicação da regra. Isso deve ser levado em consideração quando da leitura dos resultados apresentados nas tabelas que seguem.

A rodada seguinte nos apresentou a média global⁷ ou *input* (0.59), os pesos relativos desses grupos e quais deles favorecem ou inibem o uso dos pronomes em questão, conforme apresentados nas respectivas tabelas, que serão apresentadas na seção 4.3.

Os grupos⁸ selecionados, pela ordem, foram os seguintes: 6 – Explicitação do pronome (explícito/não explícito); 1 – Localidade (Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Rio Branco); 3 – Escolaridade (ensino fundamental/ensino superior); 7 – Tempo (presente/pretérito).

Os grupos não selecionados, pela ordem, foram os seguintes: 2 – Gênero (masculino/feminino); 8 – Modo (imperativo/indicativo); 4 – Faixa etária (15 a 30/40 a 65).

4.2 RODADAS ESTATÍSTICAS SOMENTE COM O PRONOME “TU”

As rodadas somente com o pronome “tu” foram necessárias, porque aqui pretendemos mostrar a concordância desse pronome com os verbos na segunda e terceira pessoas, o que não ocorre com o pronome “você”, que concorda somente com verbo na terceira pessoa, como já explicamos. Assim como na rodada com os pronomes “tu”/“você”, fizemos a primeira rodada com todos os grupos de fatores e consideramos a flexão do verbo na segunda pessoa do singular como a aplicação da regra, uma vez que nossa hipótese é que os falantes da Região Norte utilizam o “tu” preferencialmente com a flexão verbal canônica. Utilizamos aqui a maioria dos grupos de fatores das rodadas

⁷ Segundo Lemle e Naro (1977), média global é a “probabilidade de aplicação da regra quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é nulo”.

⁸ O grupo 5, concordância verbal, não foi considerado nesta rodada, porque o pronome “você” só admite concordância com a terceira pessoa.

anteriores, à exceção do grupo de fatores alternância “tu”/“você”, substituído pelo grupo de fatores concordância verbal:

1 – Concordância verbal (segunda pessoa/terceira pessoa); 2 – Localidade (Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Rio Branco); 3 – Gênero (masculino/feminino); 4 – Escolaridade (ensino fundamental/ensino superior); 5 – Faixa etária (15 a 30 anos/40 a 65 anos); 6 – Explicitação do pronome (explícito/não explícito); 7 – Tempo (presente/pretérito); 8 – Modo (imperativo/indicativo). Diferentemente da rodada com os dois pronomes, nesta rodada, somente com o pronome “tu”, não houve nocaute. A continuação da rodada nos deu o número total de ocorrência do pronome “tu” em nosso *corpus*: 431, bem como as frequências e os pesos relativos desse pronome nas localidades estudadas, conforme a tabela 13.

A rodada seguinte nos apresentou a média global da rodada ou *input* (0.39), os pesos relativos desses grupos e quais deles favorecem ou inibem o uso do pronome “tu”, conforme apresentados nas respectivas tabelas.

Nesta rodada, foram selecionados, pela ordem, os seguintes grupos de fatores: Localidade (Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Rio Branco); Tempo (presente/pretérito); Gênero (masculino/feminino); Escolaridade (ensino fundamental/ensino superior);

Os grupos não selecionados foram: Explicitação do pronome (explícito/não explícito); Faixa etária (15 a 30/40 a 65); Modo verbal (imperativo/indicativo).

4.3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA RODADA COM “TU”/“VOCÊ”

Apresentamos as tabelas com os resultados obtidos de acordo com a sequência selecionada pelo programa GoldVarb 2001, à exceção do grupo de fatores Localidade, que optamos por apresentá-lo primeiro, por acharmos que situa melhor o leitor sobre a distribuição desses pronomes. Após a descrição dos grupos de fatores selecionados, expomos também os que não foram selecionados por esse programa. Esclarecemos que, embora apareçam nas tabelas as frequências dos grupos de fatores,

estas só serão comentadas quando necessárias à discussão dos resultados de outros autores, uma vez que nosso objetivo é tratar dos pesos relativos.

4.3.1 Grupos de fatores selecionados

4.3.1.1 Localidade

O grupo de fatores localidade, constituído por seis capitais da Região Norte, foi o terceiro a ser selecionado pelo GoldVarb 2001 e nos possibilitou observar a alternância dos pronomes “tu”/“você” nessas capitais. Os resultados dessa rodada são apresentados na tabela 4.

Tabela 4 – Alternância “tu”/“você” com todas as localidades

Fatores	Aplic./Total	%	P.R. <i>Input 0.59</i>
Belém	97/137	69,3	0.61
Boa Vista	56/116	48,3	0.39
Macapá	28/59	47,5	0.38
Manaus	124/181	68,5	0.60
Porto Velho	33/89	37,1	0.29
Rio Branco	95/145	65,5	0.56
Total	431/727	46,9	

Podemos observar na tabela 4, em relação à alternância dos pronomes “tu”/“você”, que os pesos relativos apontam o favorecimento do pronome “tu” em

três das seis capitais pesquisadas: Belém, que apresenta a maior probabilidade para a aplicação de “tu” (0.61), seguida de Manaus (0.60) e Rio Branco (0.56). As capitais Boa Vista (0.39), Macapá (0.38) e Porto Velho (0.29) desfavorecem o uso desse pronome, sendo o pronome “você” favorecido pelos falantes dessas cidades. Porto Velho é a cidade com menor probabilidade de uso do pronome “tu”. Nossa hipótese inicial de que nas seis capitais do Norte do Brasil o pronome “tu” alterna com o pronome “você” se confirma.

A frequência de 69,3% de “tu” para a cidade de Belém se aproxima do que Soares e Leal (1993) obtiveram como resultado. Essas autoras apontam que “tu” apresenta 49,13% de frequência no trato de filhos para pais e 76,84% no trato de pais para filhos, indicando, portanto, maior utilização desse pronome nessa capital.

Os resultados obtidos para Belém, Manaus e Rio Branco, em que o pronome “tu” é favorecido, são semelhantes aos encontrados por Loregian-Penkall (2004) para as capitais Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e Florianópolis, em Santa Catarina; com os de Herênio (2006) para Imperatriz, no Maranhão; Franceschni (2010) para Concórdia, em Santa Catarina; e Martins (2010) para Tefé, no Amazonas. Já os resultados encontrados para Boa Vista, Macapá e Porto Velho, em que o pronome “você” é favorecido, se assemelham aos encontrados por Alves (2012) para São Luís e Pinheiro, Bacabal e Tuntum, e Alto Parnaíba e Balsas, no Maranhão; Herênio (2006) para Uberlândia, em Minas Gerais; e Loregian-Penkall (2004) para Curitiba, no Paraná.

A seguir, apresentamos exemplos de ocorrências com os pronomes “tu”/“você” retirados de nosso *corpus*:

- (1) – Você vai viajá pra onde? (024 QMS)
- (2) – Feche (você) a porta. (014 QFF)
- (3) – É, tu casaste. (035 QMS)
- (4) – (Tu) Tens que fazê u seguinte...

4.3.1.2 Explicitação do pronome

A variável Explicitação do pronome foi a primeira a ser selecionada pelo GoldVarb 2001. Por meio dela, procuramos observar se sintaticamente a explicitação ou não do sujeito favorece o uso de “tu” ou de “você”. Como muitos dos enunciados proferidos pelos entrevistados supunham a presença de um interlocutor a quem este dava uma ordem, solicitava algo, ou seja, exigia o uso dos pronomes “tu”/“você” com verbo na segunda pessoa, esperávamos que o sujeito não explícito preponderasse em nosso *corpus* e que favorecesse o uso do pronome “tu”. A tabela 5, abaixo, apresenta os resultados desse grupo de fatores.

Tabela 5 – Atuação da variável explicitação do pronome sobre o uso de “tu”/“você”

Fatores	Aplic./Total	%	P.R. Input 0.62
Explicitação do pronome	256/313	81,8	0.73
Não explicitação do pronome	175/414	42,3	0.31
Total	341/727	46,9	

A tabela 5 mostra que o fator explicitação do pronome apresenta 0.73 de peso relativo, favorecendo assim o uso do “tu”. O fator não explicitação do pronome apresenta 0.31 de peso relativo, desfavorecendo, portanto, o pronome “tu”.

Esses resultados confirmam nossa hipótese inicial de que há maior probabilidade do uso do pronome “tu” com sujeito não explícito, o que pode ser observado pela flexão do verbo na segunda pessoa. Em relação aos resultados de Loregian-Penkal (2004), observamos que os resultados obtidos por nós são diferentes dos obtidos por ela nas cidades estudadas do Rio Grande do Sul e na cidade catarinense de Chapecó, uma vez que a autora aponta maior favorecimento do pronome preenchido nessas localidades.

Comparando nossos resultados com os obtidos por Franceschni (2010), observamos que os dessa autora apresentam maior favorecimento da explicitação do pronome, uma vez que as desinências verbais não definem o sujeito. Em nosso *corpus*, ao contrário, o favorecimento do sujeito não explícito se deve ao predomínio do modo imperativo, em que formas como “deixa/recebe/abre/dá/diz/vai” são tradicionalmente relacionadas ao pronome “tu”, enquanto formas como “deixe/receba/abra/dê/diga/vá” estão relacionadas ao pronome você. Como na fala há a possibilidade de se usar, por exemplo, *deixa/deixe, abra/abre*, é importante que esses verbos estejam contextualizados, conforme orienta Scherre (2007).

Ao contrário disso, os resultados de Lira, Souza e Melo (2010) para Manaus se aproximam dos apresentados nesta pesquisa, uma vez que apontam maior utilização do pronome “tu” não explícito, com 68 ocorrências, enquanto o pronome explícito apresenta apenas 4 ocorrências.

Os resultados de nossa pesquisa também estão de acordo com o pensamento de Scherre e Yacovenco (2011) que dizem que, quando não há concordância, “o pronome ‘tu’ é predominantemente explícito”.

A seguir, apresentamos exemplos de ocorrências com a variável explicitação do pronome.

(5) – Fulano, vais viajá? (024 QMS)

(6) – ...tu ta falando o que tu num sa:be... (006 PM)

(7) – Amigo, você vai viajar? (024 QMS)

(8) – Feche (você) a porta, ... (014QFF)

4.3.1.3 Escolaridade

A terceira variável independente selecionada foi a escolaridade, cujo estabelecimento tem o objetivo de verificar a influência da escola sobre a fala dos entrevistados desta pesquisa. Nossa hipótese inicial era de que esse grupo de fatores influencia a opção desses falantes por um dos pronomes em questão, uma vez que a literatura aponta os falantes menos escolarizados com maior probabilidade de usar o pronome “tu” e os mais escolarizados, o pronome “você”, pois estes costumam escolher construções mais prestigiadas (PAIVA, 2010).

Tabela 6 – Atuação da variável escolaridade sobre o uso de “tu”/“você”

Fatores	Aplic./Total	%	P.R. <i>Input 0.59</i>
Ensino Fundamental	227/367	61,9	0.52
Ensino Superior	204/360	56,7	0.50
Total	431/727	59,3	

Com relação à variável escolaridade, observamos na tabela 6 que o fator ensino fundamental favorece o pronome “tu” com peso relativo de 0.52. No falar de entrevistados com ensino superior, o pronome “tu” apresenta peso relativo de 0.50. Embora ambos os fatores apresentem pesos relativos próximos ao ponto neutro, o ensino fundamental aparece com maior probabilidade de favorecimento do pronome “tu”. Esses resultados vão de encontro ao que tem aparecido na literatura, que aponta em geral a preferência dos mais escolarizados pelo pronome você.

O fato de esses resultados apontarem maior favorecimento do ensino fundamental ao pronome “tu” vai de encontro ao resultado obtido por Loregian-Penkall (2004) para as capitais (Florianópolis e Porto Alegre) por ela estudadas, uma vez que todas essas localidades apresentam favorecimento do ensino colegial no uso do pronome “tu”. Mas está de acordo com o que ela encontrou para as cidades do interior do Rio Grande do Sul, ou seja, o ensino primário favorece o pronome “tu”, embora o peso relativo para essas cidades seja bem maior que os obtidos por nós: 0.72.

A seguir, apresentamos exemplos de ocorrências com a variável escolaridade.

- (9) – Ei, vovó. Olhe (você), caiu sua cartera (004 QP). (Ensino fundamental).
- (10) – Você mostrô aquela outra, Num é essa aí não, (056 QFF). (Ensino fundamental).
- (11) – Tu é doida (DSD). (Ensino superior).
- (29) – Você nunca tinha vindo aqui não, em Boa Vista? (046 QMS). (Ensino superior).

4.3.1.4 Tempo verbal

Tempo verbal (presente/pretérito) foi o quarto e último grupo de fatores selecionado pelo GoldVarb 2001. Escolhemos essa variável com o objetivo de analisar se esse grupo de fatores influenciaria na escolha dos pronomes “tu”/“você” e como se dá a relação desta variável com a concordância verbal.

Tabela 7 – Atuação da variável tempo verbal sobre o uso de “tu”/“você”

Fatores	Aplic./Total	%	P.R. <i>Input 0.59</i>
Presente	145/308	47,1	0.52
Pretérito	24/63	38,1	0.42
Total	169/371	45,6	

Pelo que apresenta a tabela 7, observamos que o fator presente apresenta peso relativo de 0.52. Já o pronome “tu” com o verbo no pretérito aparece com peso relativo de 0.42. Portanto, o presente favoreceu o uso do pronome “tu”, enquanto o pretérito não se mostrou favorável a esse pronome. Esse resultado talvez esteja ligado ao fato de o pronome “tu”, quando usado no pretérito, solicitar uma conjugação mais complexa, como **falaste, viste** etc.

Os resultados obtidos por nós são diferentes do encontrado por Loregian-Penkal (2004) para as cidades de Florianópolis, Porto Alegre, Ribeirão e em três cidades do interior do Rio Grande do Sul, em que o pretérito foi o tempo que mais favoreceu o pronome “tu”.

A seguir, apresentamos exemplos dessas ocorrências:

(12) – Tu num tem medo de fica aí? (001 DSD) (Presente)

(13) – Você tá viajando pra onde? (024 QMS) (Presente)

(14) – Foi isso que tu viste? (001 DSD) (Pretérito)

(15) – Você ganhou um lote (002 QFF) (Pretérito)

4.3.2 Grupos de fatores não selecionados

4.3.2.1 Gênero

O Gênero foi o primeiro grupo de fatores não selecionado. Esperávamos que nesse grupo houvesse o favorecimento do gênero feminino no uso do pronome “tu”, mesmo sabendo que a literatura linguística variacionista tem mostrado que as mulheres – mais do que os homens – costumam utilizar as formas mais prestigiadas.

Tabela 8 – Atuação da variável gênero sobre o uso de “tu”/“você”

Fatores	Aplic./Total	%	P.R. <i>Input 0.59</i>
Masculino	220/370	59,5	0.52
Feminino	211/357	59,1	0.51
Total	431/727	59,3	

A tabela 8 mostra que, nas cidades por nós pesquisadas, os homens apresentam peso relativo de 0.52 para o pronome “tu”; as mulheres apresentam peso relativo de 0.51 para esse pronome. Embora os pesos relativos de ambos os fatores favoreçam o pronome “tu”, o primeiro fator apresenta maior probabilidade de favorecimento desse pronome. O favorecimento de ambos os gêneros para o pronome “tu” mostra não ser esse grupo de fatores significativo, daí ter sido excluído pelo programa GoldVarb 2001.

Tais resultados vão em direção contrária ao que vem sendo constatado por autores como Loregian-Penkall (2004) e Martins (2010), cujos resultados apresentam as mulheres com maior probabilidade de usarem o pronome “tu”.

4.3.2.2 Modo verbal

O segundo grupo não selecionado foi o modo verbal. O modo indicativo, por ser, conforme Cunha e Cintra (1985), o que apresenta estrutura de menor complexidade, é o que mais aparece na fala espontânea. O modo imperativo, segundo esse autor, apresenta maior complexidade, mesmo aparecendo principalmente em orações absolutas, principais ou coordenadas. Em nosso *corpus*, é o modo que mais aparece, pelas razões que já explicamos no item 4.3.1.2 (Explicitação do pronome).

Tabela 9 – Atuação da variável modo verbal sobre o uso de “tu”/“você”

Fatores	Aplic./Total	%	P.R. Input 0.61
Indicativo	192/432	44,4	0.34
Imperativo	239/295	81,0	0.73
Total	431/727	59,3	

A tabela 9 mostra que, nas capitais estudadas, o modo indicativo apresenta peso relativo de 0.34, desfavorecendo o pronome “tu”. O modo imperativo aparece com peso relativo de 0.73, favorecendo a utilização desse pronome.

Diferentemente de Loregian-Penkal (2004), que já esperava em seu trabalho o favorecimento do pronome “tu” com o modo indicativo, o favorecimento desse pronome pelo modo imperativo era esperado por nós, pois a maioria das vezes em que esses pronomes aparecem em nosso *corpus* é em situação de fala na qual o entrevistado se reporta a uma suposta segunda pessoa em situação específica, ou seja, os entrevistados

são orientados a dar uma receita de uma comida típica local; a pedir guaraná; a solicitar que alguém feche a porta, o que favorece o aparecimento desse modo.

Exemplos de ocorrências com o modo indicativo são apresentados a seguir:

- (37) – aí você põe na, na gurdura quente ou na manteiga. [025 QMS]
- (38) – A canjica, você rala o milho aí cê penera ele pra tirá aquele [179 QSL]
- (39) – Tu qué tomá café comigo? [027 QMS]
- (40) – Mas tu acha que aqui em Porto Velho o cara, ... [001 QP]

Exemplos de ocorrências com o modo imperativo:

- (41) – Fecha [tu] [014 QFF]
- (42) – me vê [tu] um guaraná aí por favô [005 QMS]
- (43) – Feche [você] a porta. [014 QFF]
- (44) – Venha [você] tomar café conosco. [028 QMS]

4.3.2.3 Faixa etária

O terceiro e último grupo não selecionado foi a faixa etária. Por poder apontar se um fenômeno está em variação estável ou em mudança em curso, essa variável social é importante nos estudos variacionistas, uma vez que os indivíduos que compõem uma comunidade, de acordo com a idade, apresentam características diferentes na fala (LABOV, 2008). A tabela 10 apresenta os resultados desta rodada.

Tabela 10 – Atuação da variável faixa etária sobre o uso de “tu”/“você”

Fatores	Aplic./Total	%	P.R. Input 0.59
15-30 anos	223/377	59,2	0.50
40 a 65 anos	208/350	59,4	0.50
Total	431/727	59,3	

Na tabela 10, observamos que a faixa etária de 15 a 30 anos apresenta 0.50 de peso relativo. A faixa etária de 40 a 65 anos também apresenta peso relativo de 0.50. Portanto, em ambas as faixas etárias os pesos relativos estão no ponto neutro, o que mostra que nenhum dos dois fatores tem influência na escolha dos pronomes estudados.

Nossa hipótese inicial, contudo, era de que na faixa etária de 40 a 65 anos houvesse maior probabilidade do uso do pronome “você” e, portanto, menos probabilidade do uso do pronome “tu”, uma vez que, em geral, os falantes desse grupo são mais conservadores e, por isso, tendem a ser mais formais, o que não aconteceu em nossa pesquisa.

Franceschni (2010) encontrou resultados diferentes dos nossos para Concórdia (SC), em que os falantes da faixa etária de 50 anos ou mais utilizam mais o pronome “tu” em detrimento do pronome “você”.

Esses resultados vão de encontro aos encontrados por Martins (2010) para a cidade de Tefé, em Manaus, onde são os jovens que favorecem o uso do pronome “tu”, quando o autor esperava que fossem os da faixa etária de 50 a 65 os que mais utilizassem esse pronome.

Os resultados dos pesos relativos referentes a esse grupo de fatores explicam sua não seleção pelo Goldvarb 2001.

A seguir, apresentamos alguns exemplos das ocorrências de “tu” e de “você” por ambas as faixas etárias.

(16) – Vai (tu) pelo caminho, Alisson (063 QSL). (15 a 30 anos).

(17) – Agora você pode...se for pá morrê, vamo morrê, (DSD). (15 a 30 anos).

(18) – Fecha (tu) o trinco da porta, (014 QFF). (40 anos a 65 anos).

(36) – ...tú num qué ir, que nem uma vizinha minha me levô, (151 QFF). (40 anos a 65 anos).

4.4 CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME “TU”

Achamos necessárias rodadas exclusivamente com o pronome “tu”, porque pretendemos descrever aqui a relação deste com as formas de segunda e terceira pessoas. Para tanto, expomos em seguida os fatores selecionados e os não selecionados pelo GoldVarb 2001, segundo a ordem de seleção, à exceção do grupo de fatores localidade, pelas razões apontadas na relação “tu”/“você”. Para essas rodadas, utilizamos somente as ocorrências do pronome “tu”, fazendo o cruzamento dos fatores concordância verbal com os demais grupos de fatores instituídos.

4.4.1 Grupos de fatores selecionados

4.4.1.1 Localidade

A amostra de nosso *corpus* é constituída de 431 pronomes “tu” distribuídos nas seis localidades por nós estudadas, sendo 279 com flexão de segunda pessoa e 152 com flexão de terceira pessoa. A variável localidade foi selecionada em primeiro lugar na rodada geral somente com o pronome “tu”. Pretendemos com essa variável mostrar

como se dá a concordância verbal com este pronome nas seis capitais de nossa pesquisa. Não é nosso objetivo aqui apresentarmos a relação do comportamento dos grupos étnicos formadores dessas localidades com a concordância com este pronome, o que poderemos fazer em outra oportunidade.

Tabela 11 – Localidade x Concordância verbal

Fatores	Aplic./Total Concordância 2ª. Pessoa	% Concordância 2ª. Pessoa	P.R. Input 0.40
Belém	56/97	57,7	0.59
Boa Vista	47/62	75,8	0.62
Macapá	17/24	70,8	0.55
Manaus	103/128	80,5	0.68
Porto Velho	12/22	54,5	0.62
Rio Branco	44/98	44,9	0.29
Total	279/431	64,8	

A tabela 11 apresenta os resultados da concordância com todos os fatores do grupo localidade. **Belém**, com 56 das 97 ocorrências, apresenta 0.59 de peso relativo, favorecendo o uso do pronome tu com a flexão canônica de segunda pessoa. **Boa Vista**, com 47 das 62 ocorrências, aparece com 0.62 de peso relativo, favorecendo o uso do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. **Macapá**, com 17 das 24 ocorrências, apresenta 0.55 de peso relativo, favorecendo o uso do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. **Manaus**, com 103 das 128 ocorrências, apresenta 0.68 de peso relativo, favorecendo o uso do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. **Porto Velho**, com 12 das

22 ocorrências, aparece com 0.62 de peso relativo, favorecendo o uso do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. **Rio Branco**, com 44 das 98 ocorrências, tem peso relativo de 0.29, desfavorecendo o uso do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. Portanto, Manaus é a localidade onde há maior probabilidade de o pronome “tu” concordar com a segunda pessoa do singular, enquanto Rio Branco é a capital com menor probabilidade de esse pronome ser usado com essa concordância.

4.4.1.2 Tempo e Concordância verbal

Tempo foi o segundo grupo de fatores a ser selecionado pelo programa GoldVarb 2001. Assim como no item 4.3.1.5, esse grupo de fatores foi escolhido para analisarmos como este influencia a relação do pronome “tu” com a variável concordância verbal. A tabela 12 apresenta os resultados do cruzamento entre esses dois fatores.

Tabela 12 – Tempo x Concordância verbal

Fatores	Aplic./Total Concordância 2ª. Pessoa	% Concordância 2ª. Pessoa	P.R. <i>Input</i> 0.40
Presente ⁹	24/133	18,0	0.48
Pretérito ¹⁰	5/13	27,8	0.38
Total	238/393	60,5	

⁹ e ¹⁰ Não estão incluídas aí as ocorrências referentes ao modo imperativo.

Do cruzamento entre os grupos de fatores tempo e concordância verbal, observado na tabela 12, temos que o fator presente aparece com 0.48 de peso relativo, desfavorecendo a concordância com a flexão canônica de segunda pessoa. O fator pretérito apresenta 0.38 de peso relativo, também desfavorecendo a concordância com a flexão canônica de segunda pessoa.

Esse resultado difere do obtido por Loregian-Penkall (2004) para Florianópolis, Porto Alegre, Ribeirão e para as três cidades do interior do Rio Grande do Sul, em que o pretérito foi o tempo que mais favoreceu o uso do pronome “tu” com flexão canônica de segunda pessoa. Difere também do resultado de Hausen (2000), que, da mesma forma, aponta o pretérito favorecendo a flexão canônica de segunda pessoa.

Exemplos de ocorrências com esses tempos:

(45) –Tu lava a alface, põe um pouquinho de vinagre, [003 QMS]

(46) –Tu é doida [DSD]

(47) – Foi isso que tu viste? [001 DSD]

(48) – Meu, tu deixou caí a chave [001 QP]

4.4.1.3 Gênero

Nesta rodada, o gênero foi o terceiro grupo de fatores selecionado. A tabela 13 apresenta os resultados deste grupo.

Tabela 13 – Gênero x Concordância verbal

Fatores	Aplic./Total Concordância 2^a. Pessoa	% Concordância 2^a. Pessoa	P.R. Input 0.48
Masculino	137/279	49,1	0.48
Feminino	69/152	46,0	0.49
Total	206/431	48,1	

No cruzamento dos grupos de fatores gênero e concordância verbal mostrado pela tabela 13, observamos que o fator masculino desfavorece o pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa por apresentar 0.48 de peso relativo. O fator feminino também desfavorece o uso desse pronome com a flexão canônica de segunda pessoa, com peso relativo de 0.49. Ambos os pesos relativos estão próximos ao ponto neutro, mas o primeiro fator apresenta maior probabilidade de o pronome “tu” concordar com verbo na segunda pessoa do singular.

Com relação ao uso da concordância verbal pelas mulheres, os resultados deste trabalho vão de encontro aos obtidos por Loregian-Penkall (2004), que apresenta o gênero feminino favorecendo o uso do “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa.

Em relação à utilização da concordância verbal pelos homens, tanto os falantes de nosso *corpus*, quanto os de Loregian-Penkall desfavorecem o uso do “tu” na flexão canônica de segunda pessoa.

4.4.1.4 Escolaridade

A escolaridade foi o quarto grupo de fatores selecionado pelo GoldVarb 2001.

Tabela 14 – Escolaridade x Concordância verbal

Fatores	Aplic./Total	%	P.R.
	Concordância	Concordância	Input
	2ª. Pessoa	2ª. Pessoa	0.38
Ens. fundamental	129/241	53,5	0.63
Ens. superior	151/190	79,5	0.66
Total	280/431	65,0	

Com o objetivo de visualizar melhor a relação entre escolaridade e concordância verbal com o pronome “tu”, conforme a tabela 14, fizemos o cruzamento desses dois grupos de fatores que aponta tanto o ensino fundamental, com peso relativo de 0.63, quanto o ensino superior, 0.66 de peso relativo, favorecendo o uso do pronome “tu” com essa concordância e desfavorecendo o uso desse pronome com a terceira pessoa.

Esses resultados reafirmam nossa hipótese inicial de que, nas capitais da Região Norte, o pronome “tu” é mais utilizado com a forma canônica de segunda pessoa e de que quanto maior o grau de escolarização, maior é também a utilização dessa flexão, o que pode indicar que esse uso não é estigmatizado. Da mesma forma, quanto menor o grau de escolarização, maior é o favorecimento do uso do pronome “tu” concordando com a terceira pessoa. Esses resultados diferem dos que foram obtidos por Loregian-Penkall (2004, p. 145), quando afirma que seus resultados “indicam que a escolaridade do falante não se configura de forma homogênea nas localidades em análise e que, em algumas delas, a educação formal parece não exercer influência na fala dos entrevistados...”.

4.5.2 Grupo de fatores não selecionados

4.5.2.1 Explicitação do pronome

A explicitação do pronome foi o primeiro grupo de fatores não selecionado pelo GoldVarb 2001. Fizemos questão de apresentá-lo neste trabalho, por meio da tabela 17, porque pretendemos confirmar se a presença da flexão canônica de segunda pessoa é favorecida pela presença ou pela ou ausência do pronome “tu”. A primeira

rodada com os fatores explicitação do pronome e concordância verbal deu um nocaute, uma vez que só selecionamos ocorrências com o pronome “tu” não explícito quando havia marca de segunda pessoa. Para resolver este problema, já que queríamos observar o peso relativo desse fator em relação à Concordância verbal, criamos mais uma situação hipotética que nos possibilitasse sair desse nocaute. Inicialmente nossa hipótese era de que a não explicitação do pronome “tu” favoreceria o uso da flexão de segunda pessoa.

Tabela 15 – Explicitação do pronome x Concordância verbal

Fatores	Aplic./Total Concordância 2ª. Pessoa	% Concordância 2ª. Pessoa	P.R. Input 0.88
Explicitação do pronome	40/195	20,5	0.03
Não explicitação do pronome	234/236	99,2	0.94
Total	274/431	63,5	

Conforme podemos observar na tabela 15, o fator pronome explícito, com 0.03 de peso relativo, desfavorece o pronome “tu” com a flexão de segunda pessoa. A não explicitação do pronome favorece o pronome “tu” com a flexão de segunda pessoa, com peso relativo de 0.94. Esse resultado está de acordo com o apresentado na fala dos entrevistados, uma vez que a maioria das ocorrências do pronome “tu” não explícito se deu com verbo no imperativo.

Assim como nesta pesquisa, Loregian-Penkall (2004) também teve como resultado a não explicitação do pronome favorecendo a flexão canônica de segunda pessoa, enquanto a explicitação do pronome favorece a utilização do pronome “tu” com

verbo na terceira pessoa. Hausen (2000) também encontrou resultados semelhantes ao nosso, nas cidades de Blumenau, Lages e Chapecó.

4.5.2.2 Modo verbal

Assim como na rodada com a presença dos pronomes “tu” e “você”, aqui também o grupo de fatores Modo verbal não foi selecionado pelo GoldVarb 2001. A tabela 16 apresenta o comportamento desse grupo com a Concordância verbal.

Tabela 16 – Modo x Concordância verbal

Fatores	Aplic./Total Concordância 2ª. Pessoa	% Concordância 2ª. Pessoa	P.R. <i>Input 0.12</i>
Imperativo	234/202	90,5	0.97
Indicativo	37/195	19,4	0.18
Total	271/431	63,5	

No cruzamento dos fatores modo e concordância verbal mostrado na tabela 16, observamos que o fator modo imperativo favorece o pronome “tu” com a flexão de segunda pessoa, com peso relativo de 0.97. O modo indicativo aparece desfavorecendo a flexão de segunda pessoa, com peso relativo de 0.18.

Esse resultado vai de encontro ao obtido por Loregian-Penkal (2004), que aponta o modo imperativo desfavorecendo a flexão canônica de segunda pessoa. Com relação ao modo indicativo, a pesquisadora obteve 0.50 de peso relativo, enquanto em nossa pesquisa esse modo desfavorece a flexão de segunda pessoa.

5 CONCLUSÕES

Neste capítulo, apresentamos nossas principais conclusões, baseadas nos resultados obtidos a respeito da alternância dos pronomes “tu”/“você” nas seis capitais da Região Norte estudadas. Para melhor entendimento, procuramos expor as conclusões sobre cada um dos grupos de fatores analisado. Primeiramente expomos as relativas às rodadas em que aparecem os grupos de fatores associados aos dois pronomes e, em seguida, fazemos a exposição das relacionadas às rodadas em que os grupos de fatores se referem somente ao pronome “tu”.

Com relação à hipótese inicial de que o pronome “tu” alterna com “você”, concluimos que nas seis capitais por nós estudadas essa alternância entre os dois pronomes é uma realidade. Contudo, ao contrário do que pensávamos, não há o predomínio do pronome “tu” em todas as localidades: três delas favorecem esse pronome – Belém, Manaus e Rio Branco – e três, o pronome “você” – Boa Vista, Macapá e Porto Velho.

Com relação ao grupo de fatores **explicitação do pronome**, nossa hipótese de que o sujeito não explícito favorece a utilização do “tu” se confirmou. O fato de nas sentenças proferidas pelos falantes haver um interlocutor para o qual aqueles hipoteticamente davam ordem ou solicitavam alguma coisa foi determinante para o favorecimento desse pronome.

No que diz respeito ao grupo de fatores **escolaridade**, nossa conclusão é de que esse grupo de fatores não tem influência sobre uso dos pronomes “tu”/ “você” nas capitais estudadas.

Quanto ao **tempo verbal**, concluimos que o presente é o tempo que mais contribui para o favorecimento do pronome “tu”, enquanto o pretérito favorece o pronome “você”.

Em relação ao grupo de fatores **gênero**, chegamos à conclusão de que este não é determinante na escolha dos pronomes “tu”/“você”, o que contraria nossa hipótese inicial de que as mulheres favorecem o pronome “tu” e os homens, o pronome “você”.

No que diz respeito ao grupo de fatores **faixa etária**, chegamos à conclusão de que este não é determinante na escolha dos pronomes em questão por parte dos falantes das capitais do Norte, o que contraria nossa hipótese inicial.

Com relação ao **modo verbal**, concluímos que este grupo de fatores também não influencia a escolha dos pronomes “tu”/“você” por parte dos falantes nortistas.

Passamos agora a expor nossas conclusões somente em relação ao pronome “tu”, conforme segue:

Com relação ao grupo de fatores **localidade**, Manaus é o município que mais favorece o uso de “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa, seguido de Boa Vista e Porto Velho, Belém e Macapá. Somente Rio Branco desfavorece o uso de “tu” com essa concordância.

No que diz respeito ao grupo de fatores **tempo verbal**, o presente é o tempo que mais favorece a concordância do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa. O pretérito, por sua vez, favorece a concordância desse pronome com a terceira pessoa.

Em relação ao grupo de fatores **gênero**, tanto homens quanto mulheres desfavorecem a utilização do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa e favorecem, portanto, o uso desse pronome com a terceira pessoa, o que faz com que o grupo não seja determinante para a escolha da concordância com o “tu”.

Com referência ao grupo de fatores **escolaridade**, quanto maior o grau de escolaridade, maior a utilização do pronome “tu” com a forma canônica de segunda

pessoa; por sua vez, quanto menor a escolaridade, maior é o favorecimento do uso desse pronome concordando com a terceira pessoa.

No que diz respeito à **explicitação do pronome**, o sujeito não explícito favorece o uso do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa e desfavorece o uso da terceira pessoa. Já o pronome explícito favorece o uso do pronome “tu” na terceira pessoa e desfavorece o uso desse pronome com a flexão canônica de segunda pessoa.

Finalmente, com relação ao **modo verbal**, o modo imperativo favorece o uso do pronome “tu” com a flexão canônica de segunda pessoa, enquanto o modo indicativo favorece a utilização desse pronome com a terceira pessoa.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: EDUEL, 1988.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. Por Onde Tá o ‘Tu’? no Português Falado no Maranhão. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 15/1, p. 13-31, jun. 2012.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C.B.; TUCKER, G.R. (eds.). **Sociolinguistics – the essential readings**. Malden/Oxford/Melbourne: Blackwell, 2003. p. 156-176.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010. 200 p.
- CIPRO NETO, Pasquale de. **Um Beijo, Belém**. Disponível em <<http://www.unama.br>> Acesso em 20/01/2012.
- CUESTA, P.V.; LUZ, M.A.M. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa/São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FARACO, Carlos Alberto. O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. **Revista Fragmenta**. Curitiba, n. 13, 1996. p. 51-82.
- FRANCESCHNI, Lucelene. **A influência dos fatores sociais no uso do “tu”/“você”**. I Congresso Internacional de Linguística e Dialectologia. São Luís, 2010.
- GONÇALVES, Clezio Roberto. **Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

GUY, Gregory R. The quantitative analysis of linguistic variation. In: PRESTON, Dennis R. **American Dialect Research**. Philadelphia: Benjamins Publishing, 1993.

_____; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumento de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HAUSEN, Telma Acácia Pacheco. **Concordância verbal do pronome “tu” no interior do Estado de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

HERÊNIO, Kerlly Karine Pereira. **“Tu” e “você” em uma perspectiva intralinguística**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2006.

ILARI, Rodolfo *et al.* Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **(Re)Análise da Referência de Segunda Pessoa na Fala da Região Sul**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2004.

ILARI, Rodolfo. Linguística e Ensino da Língua Portuguesa. Portal da Estação da Luz da Língua Portuguesa, texto 29. Acesso em 15/12/2012 em www.estacaodaluz.org.br

JHIN, Elizabeth. **Amor, Eterno Amor**. Direção de Rogério Gomes. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2012.

LABOV, William. The social motivation of sound change. **Word**, 19:273-307, 1963.

_____. **The social stratification of English in New York City**. Washington DC: Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. Principles of Linguistics Change – social factors. Blackwell: Oxford, UK Cambridge, USA, 2001.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação

Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

LIRA, Aline Ferreira; SOUZA, Lourdes de Fátima Moraes de; MELO, Nelson Fontoura de. A variação no uso das formas de tratamento tu e vmce/você em Manaus na segunda metade do século XIX. In: **Work, pap. linguíst.**, Florianópolis, 2010. p. 108-120.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **(Re)Análise da Referência de Segunda Pessoa na Fala da Região Sul**. 2004. 260f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

MARTINS, Germano Ferreira. **A Alternância Tu/Você/Senhor no Município de Tefé – Estado do Amazonas**. 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Brasília, Brasília. 2010.

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, Joaquim. **Dicionário de Filologia e Gramática**, São Paulo: Ozon, 1968.

MEDEIROS, Luis de Abreu. **Curiosidades Brasileiras**. São Paulo: Conquista, 1865.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, n. ° 44, 1995. p. 91-106.

_____. Pronome de segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, 2000. p. 121-163.

MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais**: subsídios para uma gramática do português do Brasil. Fortaleza: UFC, 2008.

_____. **Para compreender Labor**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. Formas de Tratamento no Português Brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP. In: **www. Letra Magna.com**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, ano 5, n.10 – 1.º semestre de 2009.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de “você” no Brasil. In: **Letras**, Curitiba: UFPR, v. 6, n. 5, 1956. p. 114-122.

OLIVEIRA, Leandra Cristina de. A Evolução e o Uso dos Pronomes de Tratamento de Segunda Pessoa Singular no Português e no Espanhol. **www. Letra Magna.com**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, ano 4, n. 7 – 2.º semestre de 2007.

OROZCO, Leonor. No me hable de tu despectivo, hábleme de tu correcto. In: Estudos linguísticos XXXV, 2006, p. 131-158.

PAIVA, Maria da Conceição. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos/UFRJ, 2010. p. 69-73.

PEREIRA, Iacimary Socorro de Oliveira; LIMA, Paulo Castilho. Reurbanização e Legalização – Projetos que Contribuem para a Valorização das Baixadas de Belém. ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 12./2007 – Belém. **Anais**. Belém: Campus Universitário do Guamá, 2007.

PERES, Edenize Ponzó. **O Uso de Você, Ocê e Cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real**. 2006. 247 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

PINTIZUK, S. **VARBRUL programs**. Tradução de Ivone Isidoro Pinto, revisão de Maria Thereza Gomes Fioreti e Maria Marta Pereira Scherre (coord.). 1988.

PORTILHO, Ivone dos Santos. Áreas de Ressaca e Dinâmica Urbana em Macapá/AP. In: **VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física; II Seminário Ibero-Americano de Geografia Física**. Universidade de Coimbra, maio de 2010.

RAMOS, Jânia; OLIVEIRA, Marilza. Pronomes de segunda pessoa: uma abordagem diacrônica. In: ANPOLL, Gramado, 2002.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas linguístico sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. (eds.) **Sociolinguistics - an international handbook of the science of language and society**. New York: Walter de Gruyter, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Aspectos Sincrônicos e Diacrônicos do Imperativo Gramatical no Português Brasileiro**. São Paulo: Alfa, 51 (1): 189-222, 2007.

_____; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. In: **Revista da ABRALIN**, v. eletrônico, n. especial, 2011. p. 121-146.

SOARES, Izabel Cristina; LEAL, Maria da Graça Ferreira. Do senhor ao tu: uma conjugação em mudança. In: **Moara**: Revista do curso de mestrado da UFPA, Belém, n. 1, 27-64, mar/set 1993.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

VIANA, Hélio. **História do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1967. p. 194.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

WOLFRAM, W. A. **A sociolinguistic description of Detroit Negro speech**. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1991.